

I
O FASCÍNIO DA ÍNDIA
(A VIAGEM DE VASCO DA GAMA
NA LITERATURA PORTUGUESA)

Maria de Fátima Marinho

Introdução

A primeira viagem de Vasco da Gama à Índia, pelo que representou no ambiente sócio-político-económico e cultural da época, desenhou-se claramente como uma potencial geradora de mitos, além de ter indubitavelmente sido um fundamental motor de modificação de costumes, saberes e mentalidades. Um Roteiro da viagem, escrito por um dos seus participantes¹, deixa um ponto objectivo de partida, quer para estudiosos, interessados apenas nas vicissitudes do percurso, quer para poetas ou prosadores, que dele queiram tirar elementos para explicar o fenómeno criado no inconsciente colectivo nacional. Se João de Barros, nas *Décadas*², apresenta um historial não só da viagem, mas também da permanência portuguesa na Índia, com seus problemas administrativos e militares, Camões, em 1572, ao publicar *Os Lusíadas*, abre caminho à estruturação de um mito que ultrapassa a simples descoberta, para favorecer a criação de uma ideologia baseada na grandeza inigualável do povo português. A própria inclusão da mitologia, inquestionavelmente ao gosto da época, funciona de molde a atribuir qualquer contratempo à intromissão de deuses adversos, como Baco, não aparecendo nunca os portugueses como culpados de menor prudên-

¹ Cf. *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama*, Apresentação e notas de Neves Águas, Lisboa, Publicações Euroa-América, 1987.

² João de Barros, *Décadas*, selecção, prefácio e notas de António Baião, Lisboa, Livr. Sá da Costa Ed., 4 vols, 1982 e 1983.

cia ou amedrontados por qualquer fenómeno natural. Se medos há é porque os deuses do Olimpo assim o determinaram, e se a chegada à Índia é bem sucedida é porque Vénus nunca abandonou a frota. Tal contexto acentua o carácter épico da narrativa, retirando aos marinheiros e seus comandantes a fragilidade própria do ser humano.

Uma glorificação de tal índole criou um espírito próprio, propenso a suprir alguma falha do ego nacional, como foi o caso do trauma causado pelo desastre de Alcácer-Quibir, em 1578, e a conseqüente perda da independência, dois anos depois. Não tendo a Restauração, em 1640, inaugurado uma época de grande esplendor, mas de dificuldades que se foram acumulando até ao desastroso e decadente século XIX, é natural que a memória do maior feito da História portuguesa, acrescido com a imortalização que lhe conferiu Camões, se tenha revelado como material propício de aproveitamento literário, numa época em que o passado se revela tão importante.

Com efeito, é no início do século XIX que o romance histórico terá uma grande fortuna, devido a variadíssimos fenómenos que vão desde a crise de identidade criada pela Revolução francesa e pelas tendências hegemónicas de Napolão, ao aparecimento do estudo científico da História, baseada em documentos e não em lendas ou superstições. Antes de passarmos ao estudo dos romances que versam a viagem do Gama, convirá fazer um parêntesis para estabelecer uma definição o mais rigorosa possível do romance histórico e suas características no século XIX.

O Romance Histórico Tradicional

Walter Scott, naquele que é considerado, pela generalidade da crítica, como o primeiro romance histórico, acrescenta, ao título *Waverley*, o seguinte subtítulo: *'tis sixty years since*. O hiato de sessenta anos marcaria assim a distanciação suficiente não só para criar perspectiva crítica, mas também para afastar o momento da enunciação (que idealmente seria também, *grosso modo*, o da leitura) do tempo em que decorre a acção. Avrom Fleishman, no seu clássico estudo sobre o romance histórico inglês, põe como condição a existência de pelo menos duas gerações entre a escrita do livro e o momento cronológico do enredo³, acrescentando que é tacitamente aceite a necessidade de haver referência a acontecimentos ou pessoas reais para criar uma certa credibilidade⁴. É este compromisso que permite afirmar a inexistência de romances históricos anteriores a Walter Scott, mesmo se a diegese se passa em épocas recuadas.

³ Cf., «Everyone knows what a historical novel is; perhaps that is why few have volunteered to define it in print. In such a case, the most persuasive way of defining the subject is not by emphasizing one or more of its manifest characteristics, for these are so widely assumed that it would be foolhardy to legislate among them. Most novels set in the past – beyond an arbitrary number of years, say 40-60 (two generations) – are liable to be considered historical.(...)», Avrom Fleishman, *The English Historical Novel – Walter Scott to Virginia Woolf*, Baltimore and London, The Johns Hopkins Press, 1971, p.3.

⁴ Cf., *idem*, p.3: «Regarding substance, there is an unspoken assumption that the plot must include a number of “historical” events particularly those in the public sphere (war, politics, economic changes, etc), mingled with and affecting the personal fortunes of the characters.»

Como deixa antever Harry Shaw, logo nas primeiras páginas de *The Forms of Historical Fiction*⁵, o romance histórico pode, a nível do processo narrativo, não se afastar muito dos outros tipos de ficção, sendo exactamente a soma de determinado número de ingredientes que lhe conferem características inequivocamente distintas.

“Género híbrido”, chamou-lhe Michel Vanoosthuysse⁶, na medida em que é próprio da sua essência a conjugação da ficcionalidade inerente ao romance, e de uma certa “verdade”, apanágio do discurso da História: «le roman historique ne trouve de légitimité qu’à être d’abord substantif ou d’abord adjectif, d’abord “roman” ou d’abord “historique”. Il lui faut être “fidèle” à l’histoire ou, au contraire, lui faire des infidélités au nom de cet objet supérieur qu’est la poésie.»⁷ Espartilhado assim, entre a liberdade de romancista e as limitações do historiador, o autor de romances históricos deverá assumir essa fundamental ambiguidade, visando, através da representação de factos objectivos, a respectiva transcendência⁸,

⁵ Harry Shaw, *The Forms of Historical Fiction — Sir Walter Scott and His Successors*, Ithaca and London, Cornell University Press, 1983.

⁶ Cf., Michel Vanoosthuysse, *Le Roman Historique — Mann, Brecht, Döblin*, Paris, PUF, Perspectives Germaniques, 1996: «Les définitions courantes du roman historique comme genre “bâtard” ou “hybride” ont leur source dans ce partage des compétences discursives. Tirant sa raison d’être de l’effacement d’une frontière gardée avec vigilance et mêlant la relation d’événements avérés et répertoriés à des énoncés non référentialisables, le roman historique est de longue date tenu pour le fruit d’un accouplement contre-nature ou, à tout le moins, d’un ménage écartelé entre des désirs centrifuges.»

⁷ *Idem*, p.15.

⁸ Cf., *idem*, pp.16-17: «C’est ainsi que pour certains praticiens ou théoriciens, le roman historique a pour justification de viser, à travers la représentation des faits objectifs, une transcendance dont ils sont les reflets.»

ou então, estabelecendo uma relação metafórica com modelos arquetípicos⁹.

Apesar de logo no século XIX terem aparecido estudos sobre o romance histórico, a verdade é que é já no presente século (1937), que é publicado o primeiro grande ensaio sobre o género em causa. Refiro-me, evidentemente à obra de Georges Lukacs, *Le Roman Historique*. Embora fortemente marcada pela ideologia marxista, o que a torna de certa forma datada, em alguns aspectos, não podemos aludir às características de textos como os de Scott, Herculano ou Garrett, sem nos valer-mos dos preciosos ensinamentos de Lukacs. Segundo este autor, a obra de Scott seria a grande continuadora do romance social realista do século XVIII, trazendo como inovação a pintura de costumes e de acontecimentos, o carácter dramático da acção e a importância do diálogo. Condições sócio-políticas precisas como a Revolução Francesa, a ascensão e queda de Napoleão ou as convulsões do início do século XIX, contribuíram, de acordo com o mesmo estudioso, para o aparecimento de um género romanesco próprio e que se afasta radicalmente de obras pretensamente afins do século anterior.

Falando raramente do presente, Scott significa-o através da figuração literária de épocas passadas¹⁰, contribuindo

⁹ Cf., *idem*, p.42 «Cette mise en intrigue n'imité pas l'enchaînement des événements de la réalité historique, mais établit une relation métaphorique avec ces modèles archétypaux.»

¹⁰ Cf., «Walter Scott parle très rarement du présent. Il ne soulève pas dans ses romans les questions sociales de l'Angleterre contemporaine, la lutte de classes entre bourgeoisie et prolétariat qui commence à s'intensifier. Dans la mesure où il est capable de répondre à ces questions pour lui-même, il le fait par le biais de la figuration littéraire des plus importantes étapes de toute l'histoire d'Angleterre.», Georges Lukacs, *Le Roman Historique*, op.cit., p.33.

do para uma certa faceta didáctica tão ao gosto dos românticos. A ideia de que um bom romance histórico ensinava mais do que um livro de História, preside a grande parte do nosso século XIX e princípio do XX, chegando Herculano a afirmar que Walter Scott ou Alfred de Vigny ensinam mais do que os historiadores: «Quando o character dos individuos ou das nações é sufficientemente conhecido, quando os monumentos e as tradições, e as chronicas desenharam esse character com pincel firme, o novelleiro póde ser mais verídico do que o historiador; porque está mais habituado a recompor o coração do que é morto pelo coração do que vive, o génio do povo que passou pelo do povo que passa. Então de um dicto, ou de muitos dictos elle deduz um pensamento ou muitos pensamentos, não reduzidos á lembrança positiva, não traduzidos, até materialmente; de um factos deduz um affecto ou muitos affectos, que se não revelaram. Esta é a história intima dos homens que já não são: esta é a novella do passado. Quem sabe fazer isto chama-se Scott, Hugo, ou De Vigny, e vale mais, e conta mais verdades, que boa meia-dúzia de bons historiadores.»¹¹

Concepções semelhantes tem Arnaldo Gama, romancista da segunda metade de oitocentos, quando afirma que o grande público lê com mais facilidade um romance do que uma obra

¹¹ Alexandre Herculano, «A Velhice», in *Panorama*, nº170, 1/8/1840 e *Scenas de Um Ano da Minha Vida e Apontamentos de Viagens*, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio, Lisboa, Bertrand, 1934.

científica¹². Esta espécie de “ingenuidade” ditou, com certeza, a observação de Tolstoi no posfácio de *Guerra e Paz*, referida por Gilles Barbedette, em *L’Invitation au Mensonge*: «Il est touchant de voir que chez un romancier classique, comme Tolstoï, la vérité, vers laquelle tout son art tend, n’est jamais une donnée brute et intangible. L’embarras même que suscite ce problème chez Tolstoï a dicté la savoureuse postface de *Guerre et Paix* où l’auteur explique que les historiens ne savent pas écrire l’histoire et que souvent ils la déforment par manque de sources ou de *point de vue*. Le romancier, conclut-il, est le véritable historien. (...) La seule naïveté de Tolstoï était de croire que sa vérité romanesque constituait LA vérité historique.»¹³ Curiosamente, o italiano Alessandro Manzoni, já em 1850, consegue manter uma distanciação crítica em relação ao carácter didáctico e verídico do romance: «Quante volte è stato detto, e anche scritto, che i romanzi di Walter Scott erano più veri della storia! Ma sono di quelle parole che scappano a un primo entusiasmo, e non si ripetono più dopo una riflessione»¹⁴.

¹² Cf., «Quería...queria uma novela, um romance histórico, que toda a gente lesse, que toda a gente quisesse ler; porque enfim, meu caro amigo, estou convencido que a maneira de ensinar a história àqueles que não se aplicam aos livros, àqueles cuja profissão os arreda de poder fazer estudos sérios e seguidos, é o romanceá-la, dialogando-a, e dando vida à época, dando vida aos personagens, dando vida às localidades;(...)», Arnaldo Gama, *Um Motim Há Cem Anos*, Porto, Livr. Simões Lopes de Manuel Barreira Ed., 1949 (1ªed., 1861), pp.11-12.

¹³ Gilles Barbedette, *L’Invitation au Mensonge- Essai sur le Roman*, Paris, Essais Gallimard, 1989, pp.24-25.

¹⁴ Alessandro Manzoni, «Del Romanzo Storico e, in genere, de’ componimenti di storia e d’invenzione», *Tutte le Opere*, Vol. Secondo, Milão, Sansoni Ed., 1993. p.1762.

A intuição de uma certa falsidade inerente ao discurso da história, falsidade que os escritores dos últimos anos irão explorar até à exaustão, já se faz sentir em autores como Arnaldo Gama (ele que tanto elogiava o valor didáctico do romance histórico) ou em críticos como Innocencio F.da Silva, na Introdução a *Os Guerrilheiros da Morte*, de Pinheiro Chagas, antecipando, sem disso terem consciência, a noção de que o passado só nos pode chegar textualizado, como insiste Linda Hutcheon: «Mas a pedra, a testemunha presencial, é muda, e o historiador só tem os factos - as aparências - para colher as in-formações do passado.»¹⁵; «Desde o *Cinq-Mars* ríspido e austero de Alfredo de Vigny, até os heroes lhanos e galhofeiros de A. Dumas, a historia ha sido folheada e revolta, vestida e quando Deus quer falsificada de todas as maneiras, sob pretexto de se lhe dar o seu verdadeiro traje.»¹⁶

Antero de Figueiredo, já no presente século, em 1916 e 1924, respectivamente, nos Prefácios a *Leonor Teles "Flor de Altura"* e a *D. Sebastião*, alerta para a precaridade da ciência histórica que varia consoante as opiniões e convicções dos seus autores¹⁷.

¹⁵ Arnaldo Gama, *A Última Dona de S.Nicolau*, Porto, Livr. Tavares Martins, 1937 (1ªed. 1864), p.210.

¹⁶ Innocencio F.Silva, Introdução a Pinheiro Chagas, *Os Guerrilheiros da Morte*, Lisboa Escriptorio da Empresa, 1872, p.XXXIV.

¹⁷ Cf. Antero de Figueiredo, Prefácio a *Leonor Teles "Flor de Altura"*, Paris-Lisboa, Livr. Aillaud e Bertrand e Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves, 1916, p.VIII : «Todos os historiadores deformam a verdade ao visioná-la através dos seus preconceitos criticos» e Prefácio a *D. Sebastião*, Paris-Lisboa, Livr. Aillaud e Bertrand, 1924, p.XII: «(...) quanto é precária a sciência da história, quando ela se põe a interpretar factos que não viu, e a aplicar-lhes crítica imprudente, senão precipitada, que a leva a destruir hoje o que construiu ontem, a negar aqui o que afirmou além, já por deficiência de elementos, já por excessiva sistematização de júzoz.»

Mais ou menos conscientes das potencialidades e das limitações do romance histórico, mesmo se, por vezes, afirmam a total veracidade do narrado¹⁸, os diversos cultores do género vão esboçando, mesmo se ainda incipientemente, uma teoria que regerá os seus escritos e os de quantos se limitam a reproduzir a moda literária, sem veleidades de originalidade ou inovação. Prosper Mérimée, no capítulo VIII, «Dialogue entre le Lecteur et l'Auteur», de *Chronique du Règne de Charles IX*, ensaia um diálogo com o leitor onde põe a nu as expectativas deste em relação ao romance histórico e a forma como, ironicamente, lhes tenta fugir¹⁹.

Os autores partem, no entanto, de certos pressupostos, como o de tentar recordar o passado e torná-lo o mais fiel possível (ainda estamos longe da alteração propositado de fenómenos antigos, como em alguns casos da metaficção historiográfica pósmoderna). É assim que Mérimée, no prefácio à obra citada, escreve: «Il me paraît donc évident que les actions des hommes du seizième siècle ne doivent pas être jugées avec nos idées du dix-neuvième.»²⁰ Na mesma linha de pensamento se situam romancistas como Rebelo da Silva, Oliveira Martins ou Artur

¹⁸ Cf. Alessandro Manzoni, *op.cit.*, p.1761, «Venendo finalmente al paragone tra l'assunto comune all'epopea e alla tragedia, e l'assunto del romanzo storico, è facile vedere che la differenza essenziale sta in questo, che il romanzo storico non prende il soggetto principale dalla storia, per trasformarlo con un intento poetico, ma l'inventa, come il componimento dal quale ha preso il nome, e del quale è una nuova forma.»

¹⁹ Cf. Prosper Mérimée, *Chronique du Règne de Charles IX*, Paris, Charpentier, Librairie-Editeur, 1865, pp.79-82.

²⁰ Idem, p.4.

Lobo d'Ávila, mesmo se as suas produções têm décadas de permeio. Na Introdução a *Ódio Velho não Cansa*, Rebelo da Silva advoga a tentativa de fazer ressurgir o “viver e crer” do tempo evocado (mesmo se isso nem sempre é possível): «Em assumptos historicos, o dever do romance consiste em cunhar com a verdade mais approximada a expressão fiel do *viver e crer* de Portugal, ou de outra qualquer nação, n'uma designada epocha.»²¹; Oliveira Martins na Introdução a *Febo Moniz* demonstra igual parecer²², e Lobo d'Ávila acentua a tentativa de reconstituição histórica, o mais próxima possível do momento cronológico narrado: «As personagens filhas da sua imaginação, devem ser animadas da vida do tempo, não destoando entre as personagens historicas revividas para a acção romântica, figuras que, se não existiram, podiam ter existido n'aquelle meio.»²³ Contudo, e apesar desta e de outras chamadas de atenção, a verdade é que, frequentemente, o autor não consegue escapar à tentação de reproduzir nas personagens as suas mais íntimas convicções.

Considerando até «o mister de recordar o passado [como] uma espécie de magistratura moral, (...) uma espécie de sacerdócio»²⁴, Antero de Figueiredo dá voz ao sentir de muitos escritores

²¹ Rebelo da Silva, *Ódio Velho não Cansa*, Lisboa, Empresa Lusitana Ed., 3ªed., s/d (1ªed.1848), p.16.

²² Cf. Oliveira Martins, *Febo Moniz*, Lisboa, Guimarães Ed., 1988 (1ªed., 1867), p.43:«Simbolizar, não só no pensamento geral, como no andamento e desenlace do enredo, o carácter dominante de uma época».

²³ Artur Lobo d'Ávila, Prefácio a *O Reinado Venturoso*, Lisboa, Empresa Litteraria Fluminense, S/d, Vol.I, p.12.

²⁴ Antero de Figueiredo, Prefácio a *D. Sebastião*, pp. XXV-XXVI.

que desde Herculano se empenham em ensinar, deleitando, na crença profunda de que a melhor maneira de divulgar os feitos da nação pretérita será transformar “em arte”, passagens históricas mais ou menos conhecidas²⁵.

Todavia, e na impossibilidade de repetir a História, tal como os historiadores a concebem, os romancistas arrogam-se o direito de narrar prioritariamente «effetti privati degli avvenimenti pubblici»²⁶, na convicção de que ao leitor interessam sobretudo os pequenos incidentes da vida familiar: «Mas encarregámo-nos de um improbo e desgostoso trabalho, o de narrarmos as pequenas infamias, as pequenas traições que macularam essa grande epocha de 1640.»²⁷ Cabe assim ao narrador, como já anotava Manzoni²⁸, a escolha incondicional da forma de tratar os assuntos e de dar maior ou menor realce aos pormenores, às **anedotas**, que constituem a vida privada de qualquer momento histórico, por mais épico e glorioso que se apresente.

O carácter didáctico que parecia obrigatoriamente inerente ao romance histórico, será abandonado nas últimas produções,

²⁵ Cf. Antero de Figueiredo, *Leonor Teles “Flor de “Altura”*, p. VII: «Este livro é ainda, como o meu “D. Pedro e D. Inês”, um trecho de história pôsto em arte(...)».

²⁶ Alessandro Manzoni, *op. cit.*, p. 1728.

²⁷ Pinheiro Chagas, *O Juramento da Duqueza*, Lisboa, Livr. De Antonio Maria Pereira, nova edição, s/d (1ª ed., 1873), p. 89.

²⁸ Cf., *op. cit.*, p. 1739: «Ma c'è qualcos'altro da fare, e, in un certo senso, qualcosa di meglio: rappresentare quegli avvenimenti quali avrebbero dovuto essere, per riuscir più dilettevoli e più meravigliosi. E questa, o poeta, è la tua parte. A te dunque a fare una nova scelta tra le parti dell'avvenimento, lasciando fuori quelle che non servono al tuo intento speciale e più elevato, e trasformando comme ti torna meglio quelle che ti torna meglio di conservare;»

como teremos ocasião de notar, na última parte do presente estudo.

Continuando com a definição dos vários ingredientes presentes no romance histórico tradicional, poderemos referir-nos agora aos vários tipos de personagens. De acordo com Lukacs, o herói de Scott é moderado, fleumático e sem grandes convicções²⁹. Em *Old Mortality*, por exemplo, Morton, porque abriga um antigo companheiro de seu pai, vê-se forçado a enfileirar nas hostes jacobitas; Redgauntlet, herói de um romance homónimo, ignorante da sua origem é, literalmente, raptado pela família paterna, acérrima defensora dos ideais escoceses, e obrigado a lutar por uma causa que lhe é totalmente estranha. De igual modo, a relação amorosa, mesmo se parece impossível ou conflituosa, nunca é suficientemente absorvente a ponto de transtornar o herói ou de o fazer desviar-se do seu caminho. Será esta uma das razões porque grande maioria dos romances de Scott terminam bem, exactamente porque as suas personagens estão isentas daquele desenfreado grau de paixão que caracteriza heróis de Herculano, como Eurico ou Vasco³⁰. A comparação quase inevitável entre Herculano, Garrett, ou outros, com Scott, torna-se obrigatória, uma vez que durante o

²⁹ Cf., «Le "héros" de Scott est toujours un gentleman anglais plus ou moins médiocre, moyen. Il possède généralement un certain degré, jamais éminent, de sagesse pratique, une certaine fermeté et une certaine bienséance morale, qui va même jusqu'à l'aptitude au sacrifice de soi, mais ne devient jamais une passion impétueuse, n'est jamais un dévouement enthousiaste à une grande cause.», *Le Roman Historique*, p.33.

³⁰ *Eurico, o Presbítero e O Monge de Cister*, respectivamente.

século passado a sua influência foi de tal forma importante que, como muito bem anota Martin Kuester, em relação à literatura canadiana de língua inglesa³¹, existe uma transferência dos modelos scottianos para os problemas locais de cada povo.

Correspondente a um herói moderado e sem grandes paixões, a heroína apresenta características idênticas, que lhe poupam tragédias amorosas³². Balzac chega até a afirmar que a heroína scottiana é fruto da sua religião: «Obligé de se conformer aux idées d'un pays essentiellement hypocrite, Walter Scott a été faux, relativement à la peinture de la femme, parce que ses modèles étaient des schismatiques. La femme protestante n'a pas d'idéal. Elle peut être chaste, vertueuse; mais son amour sans expansion sera toujours calme et rangé comme un devoir accompli.»³³ Apesar de Balzac apresentar como causa de certos traços a religião, a verdade é que algumas das heroínas de Her-culano se aproximam em mais de um aspecto do modelo acabado de definir, assim como as heroínas dos romances que iremos tratar, cuja caracterização é frequentemente simplista e sem interesse.

Decorrente desta constatação, não será difícil de aceitar que as personagens secundárias sejam mais interessantes do

³¹ Cf. Martin Kuester, *Framing Truths – Parodic Structures in Contemporary English-Canadian Historical Novels*, Toronto, London, Buffalo, University of Toronto Press, 1992.

³² Cf., «(...) toutes les héroïnes de Walter Scott représentent le même type de femme anglaise bourgeoisement correcte, normale, qu'il n'y a pas de place dans ces romans pour les tragédies et les comédies intéressantes et complexes de l'amour et du mariage.», *Le Roman Historique*, p.35.

³³ Honoré de Balzac, «Avant-Propos», in *La Comédie Humaine*, Coll. l'Intégrale, Vol.I, Paris, Seuil, 1965, p.54.

que as principais, na linha da epopeia, como defende Lukacs. Porque o que importa, antes de mais, é apresentar a encarnação humana dos tipos históricos e sociais, das grandes massas³⁴.

A interligação diegese e História salda-se, frequentemente, pela inclusão de dados rigorosamente históricos no meio da intriga. Se Walter Scott usa e abusa da referência ao ambiente histórico em que as suas personagens se movimentam, outro tanto poderemos dizer de Victor Hugo (*Notre Dame de Paris, Quatrevingt-treize*) ou de Alessandro Manzoni (*I Promessi Sposi*³⁵). No caso português, basta assinalar nomes como os de Herculano ou Arnaldo Gama (entre os muitos que poderíamos citar) e lembrar a invasão dos árabes no séc. VIII (*Eurico, o Presbítero*), a política de D. João I (*O Monge de Cister*), as invasões francesas (*O Sargento-Mor de Vilar*) ou o motim contra a instalação da Companhia dos vinhos do Porto (*Um Motim Há Cem Anos*).

Esta característica poder-se-á até considerar indispensável para a existência de romance histórico, uma vez que permanece para além das produções tradicionais do género. José Saramago em *O Memorial do Convento*, a par da heterodoxa reconstrução da época de D. João V, alonga-se em descrições

³⁴ Cf., *Le Roman Historique* e J. Molino, «Qu'est-ce que le Roman Historique», in *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, nº2-3, Março-Junho de 1975.

³⁵ Cf., «Il lettore sa che in quell'anno si combatteva per la successione al ducato di Mantova, del quale, alla morte di Vincenzo Gonzaga, che non aveva lasciata prole maschile, era entrato in possesso il duca di Nevers suo parente più prossimo.», Alessandro Manzoni, *I Promessi Sposi*, in *Tutte le Opere*, Vol. Primo, op. cit., p.656.

pormenorizadas de costumes e de episódios perfeitamente verificáveis em qualquer tratado de História; em *A Casa do Pó*, Fernando Campos narra detalhadamente a vida e hábitos do Médio Oriente no séc. XVI, ao mesmo tempo que nos apresenta uma intriga na melhor tradição camiliana; outros exemplos poderiam ser apresentados, mas tornariam a enumeração tão fastidiosa quanto inútil.

Reconstruindo assim uma época através dos seus fragmentos textualizados, os autores vão-se movimentando entre personagens referenciais e personagens inventadas, dando primazia a umas ou a outras consoante as suas convicções. Scott usa, regra geral, personagens inventadas nos papéis de primeiro plano³⁶, da mesma forma que Herculano (se exceptuarmos o caso das *Lendas e Narrativas*). Pelo contrário, Alfred de Vigny, em *Réflexions sur la Vérité dans l'Art*, texto que precede o romance *Cinq-Mars*, advoga a presença de personagens históricos no papel de heróis ou heroínas: «(...)je crus aussi ne pas devoir imiter les étrangers, qui, dans leurs tableaux, montrent à peine à l'horizon les hommes dominants de leur histoire; je plaçai les nôtres sur le devant de la scène, je les fis principaux acteurs de cette tragédie (...)»³⁷. De igual modo, autores como Lobo d'Ávila e outros também usam como heróis e heroínas dos seus romances figuras de reis e rainhas, colocanco-os ao mesmo nível das personagens inventadas.

³⁶ Cf., «Dans les romans les plus importants de Scott, ce sont des personnages historiquement inconnus, semi-historiques ou absolument non historiques qui jouent ce rôle de premier plan.», *Le Roman Historique*, p.39.

³⁷ Alfred de Vigny, «Réflexions sur la Vérité dans l'Art», in *Cinq-Mars*, Paris, Le Livre de Poche, 1970, p.23 (1^aed., 1827).

A utilização ou não de personagens referenciais no primeiro plano acarreta modificações substanciais na concepção da narrativa. Marguerite Yourcenar, em nota ao romance *L'Oeuvre au Noir*, estabelece com muita clareza a diferença existente ao mostrar que, se para a construção de uma personagem histórica, o autor tem de estudar os documentos existentes sobre o seu herói, ao criar uma personagem fictícia terá de se debruçar sobre os factos e as datas da vida passada³⁸.

Todavia, ao romance histórico (ao tradicional, pelo menos) não interessa a repetição de grandes acontecimentos históricos, mas uma espécie de ressurreição poética dos seres humanos que deles fizeram parte. Lukacs reitera esta ideia, chamando a atenção para a força dramática que um autor pode imprimir a uma situação determinada³⁹, como é o caso de Herculano, em «O Bispo Negro»: «O príncipe de Portugal,

³⁸ Cf., «Mucho más aún que la libre recreación de un personaje real que ha dejado su huella en la historia — como el emperador Adriano —, la invención de un personaje “histórico”, como el de Zenón, parece poder prescindir de datos y comprobantes. De hecho, las dos trayectorias son muy parecidas en muchos puntos. En el primer caso, el novelista, para tratar de representar al personaje en toda su amplitud, deberá estudiar con apasionada minucia los documentos históricos existentes sobre su héroe, tal como lo estableció la tradición. En el segundo caso, para dar a su personaje ficticio esa realidad histórica, condicionada por el tiempo y el lugar, y a falta de la cual “la novela histórica” no es más que un baile de disfraces, bien logrado o no, el novelista sólo puede contar con los hechos y fechas de la vida pasada, es decir, con la misma Historia.», Marguerite Yourcenar, *Opus Nigrum*, trad. castelhana de Emma Calatayud, Madrid, Alfaguara, 1995 (1ªed., 1974), pp.367-368.

³⁹ Cf., «Il n'importe donc pas dans le roman historique de répéter le récit des grands événements historiques, mais de ressusciter poétiquement les êtres humains qui ont figuré dans ces événements.», *Le Roman Historique*, pp.43-44.

Affonso Henriques, depois de uma revolução feliz, tinha arrancado o poder das mãos de sua mãe. Se a historia se contenta com o triste espectáculo do filho condemnando ao exilio aquella que o gerou, a tradição carrega as tintas do quadro, pintando-nos a desditosa viuva do conde Henrique a arrastar grilhões no fundo de um calabouço. A historia é verdadeira, a tradição verosímil; e o verosímil é o que importa ao que busca as lendas da patria»⁴⁰.

A diferença entre o verdadeiro e o verosímil tem preocupado quantos, sobretudo no século passado e no início deste século, se dedicaram à ressurreição dos tempos idos. Desde Walter Scott, o criador do género, até inúmeros romancistas portugueses, são frequentes as atestações de veracidade, que passam pelo artifício de se collocarem como simples editores de textos escritos ou contados por outrem, até à afirmação da descoberta de manuscritos só por eles lóbrigados, como é o caso de Herculano na nota final a *O Monge de Cister*: «historia tirada de um manuscripto que só eu vi, o que lhe dá certo perfume de sancto mysterio»⁴¹. Fernando Castelo-Branco, na Nota Preliminar, a *O Regicida*, de Camilo Castelo Branco, aponta como característico deste autor o «aparecerem corroborados documentalente, por forma cuidadosa e minuciosa, certos pormenores, por vezes de interesse e importância

⁴⁰ Alexandre Herculano, «O Bispo Negro», in *Lendas e Narrativas*, Lisboa, Bertrand e Rio de Janeiro, S.Paulo, Belo Horizonte, Livr. Francisco Alves, s/d, Tomo II, p.58.

⁴¹ Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, Lisboa, Livr. Bertrand, 23ªed., s/d (1ªed., 1848), Tomo II, p.380.

mínimos»⁴², para que depois se possa efabular e inventar à vontade.

Não podendo ser o enredo sempre verdadeiro, tenta-se que seja pelo menos verosímil («Antes da morte de Francisco Cardoso algum tanto phantaziei, tentando sempre que a fábula fosse verosímil»⁴³), assumindo o escritor, então directamente o importante papel da invenção no universo romanesco: «Mas porque não procuraram os vencidos amparar-se dentro dos fortes muros e torres do castello de Guimarães? É o que nos diz a historia? Pouco importa: di-lo-hemos nós.»⁴⁴

Herculano, Rebelo da Silva e outros afirmam, frequentemente, de um modo inequívoco a total invenção dos seus textos: «E, por isso mesmo que sobre ela pesava o mysterio, a imaginação vinha ahi supprir a historia.»⁴⁵; «Dentro dos mesmos ciclos usarei amplamente das imunidades do romance, e de tôdas as liberdades da invenção.»⁴⁶

O passado funciona assim como pré-história do presente, lugar onde se encarnam as verdades religiosas e as intemporais paixões humanas⁴⁷. Tal afirmação acarreta necessariamente con-

⁴² Fernando Castelo-Branco, Nota preliminar a *O Regicida*, Lisboa, Parceria, António Maria Pereira, 7ªed., 1965 (1ªed., 1874), p.13.

⁴³ A.F.Barata, *Um Duello nas Sombras ou D. Francisco Manuel de Mello*, S. Paulo, Brasil, 1905, p.87.

⁴⁴ Alexandre Herculano, *O Bobo*, Lisboa, Livr. Bertrand, 24ªed., s/d (1ªed., no *Panorama*, 1843, em livro, 1871), pp.277-278.

⁴⁵ Alexandre Herculano, *Eurico o Presbytero*, Lisboa, Livr. Bertrand e Rio de Janeiro, S. Paulo, Belo Horizonte, Livr. Francisco Alves, s/d (1ªed., 1844), p. X.

⁴⁶ Rebelo da Silva, *Contos e Lendas*, Porto, Livr. Civilização, s/d (1ªed., 1860), p.182.

⁴⁷ Cf., Barbara Foley, *Telling the Truth — The Theory and Practice of Documentary Fiction*, Ithaca and London, Cornell University Press, 1986, p.162.

dições próprias que presidem ao romance histórico tradicional, e que vão desde a inclusão de marginais, até à tentativa de não modernizar a psicologia das personagens, de não conservar arcaísmos incompreensíveis e de aceitar um anacronismo necessário.

Lukacs e Molino chamam a atenção para a importância dos marginais em Scott, como bobos, loucos ou fora-da-lei (*Ivanhoe*). Nas obras de Alexandre Herculano, o bobo (*O Bobo* ou *O Monge de Cister*) tem papel determinante, assim como os fora-da-lei em alguns romances de Arnaldo Gama ou os marinheiros no livro de Pinheiro Chagas, de que iremos tratar. No entanto, estes marginais, além de terem inegável papel nas tramas que se desenrolam, não são nunca personagens principais (funcionam antes como embraiadoras) e, muito menos condicionam a focalização do narrado. A afirmação de Mérimée, em 1829, no Prefácio da sua *Chronique du Règne de Charles IX*, parece não ter tido grande eco até à actualidade: «(...)je donnerais volontiers Thucydide pour des mémoires d'Aspasie ou d'un esclave de Périclès»⁴⁸. Pinheiro Chagas, em *A Máscara Vermelha*, revela a consciência da parcialidade existente no discurso oficial da História: «Assim como a musa tragica se envergonhava de fazer figurar no theatro os infortunios burgoezes, e não calçava o cothurno classico senão para interessar os espectadores pelas desgraças dos grandes, assim tambem a historia não se dignava occupar-se da vida e gestos, e muito

⁴⁸ Prosper Mérimée, *Chronique du Règne de Charles IX*, Paris, Charpentier, Librairie-Editeur, 1865 (1ªed., 1829), p.3.

menos ainda da morte dolorosa d'essa plebe vil que tumultuava na sombra.»⁴⁹

Na ficção das últimas décadas, os marginais assumem um papel diferente, embora não menos importante – a focalização é-lhes, por vezes, atribuída, modificando o sentido canónico da História. *Além do Maar*, de Miguel Medina é um bom exemplo, ao narrar a viagem de Vasco da Gama do ponto de vista dos marinheiros e dos degredados.

A não modernização da psicologia das personagens situa-se na linha da fidelidade ao narrado, na pretensão de reconstruir o mais fielmente possível o passado evocado. No entanto, é sabido que muitos romancistas históricos do primeiro período não conseguem fugir à caracterização das suas personagens como heróis românticos, independentemente do tempo em que se desenrola a acção. Herculano e Rebelo da Silva são disso exemplo. Este último, todavia, é bem consciente dessa tentação, o que o leva a escrever num texto de *Contos e Lendas*:

«Nos quadros da meia idade o maior perigo consiste em se lhes errar a expressão, atribuindo às paixões e sentimentos, linguagem e caracter que lhes foram desconhecidos, e que transportam a acção para anos muito posteriores.

Há um certo verniz moderno, que é mortal para as cenas antigas, porque as retinge, desfeia e desmente a cada momento.»⁵⁰

⁴⁹ Pinheiro Chagas, *A Máscara Vermelha*, Lisboa, Livr.de Antonio Maria Pereira, Nova edição, s/d (1ªed., 1873), p.197.

⁵⁰ Rebelo da Silva, *Contos e Lendas*, p.340.

Teoricamente a uma não modernização da psicologia deveria corresponder uma não modernização da linguagem. Contudo, tal prática levaria inevitavelmente à incompreensão de grande parte do público, pelo que Scott, logo no início de *Ivanhoe*, se escusa de não usar o anglo-saxão e o normando: «The dialogue which they maintained between them was carried on in Anglo-saxon, which, as we said before, was universally spoken by the inferior classes, excepting the Norman soldiers and the immediate personal dependants of the great feudal nobles. But to give their conversation in the original would convey but little information to the modern reader, for whose benefit we beg to offer the following translation.»⁵¹ É também como uma espécie de tradução, embora isso não seja explicitamente dito, que textos como *Eurico, o Presbítero* ou *O Alcaide de Santarém* nos são apresentados.

Em alguns romances há até a referência explícita de que se moderniza a linguagem para facilitar a compreensão do leitor:

«O verdadeiro espirito dos séculos escapa à rede de apanhar vocabulos dos copistas.

É a razão porque este romance é escripto e falado na língua de hoje, e não torcido por torniquete quinhentista. A historia reside nas cousas.»⁵²;

«Não tentámos nem por sombras ressuscitar a linguagem do século XVI. Essas ressurreições dão ao fallar dos persona-

⁵¹ Walter Scott, *Ivanhoe*, Londres, Penguin Classics, 1986 (1ªed. 1819), p.13.

⁵² Rebelo da Silva, *Odio Velho não Cança*, p.16.

gens um caracter rigido e affectado, mil vezes mais falso do que a traducção da expressão dos seus pensamentos na lingua do nosso tempo.»⁵³

Marques Rosa vai mais longe, chegando ao preciosismo de pôr em nota a linguagem que as personagens teriam usado. Por exemplo, a frase «Muito lhe quereis» tem a seguinte nota: «A frase seria ao tempo: *Munto lo queredes*»⁵⁴. Ao longo do romance, vão-se multiplicando este tipo de explicações que visam indiciar a dupli-cidade do discurso que pretende alardear a cor local, sem fazer per-der a total compreensão de um vasto público, nem sempre erudito.

Tais pressupostos não impedem, porém, que, uma ou outra vez, não ocorram arcaísmos que se destinam, antes de mais a sugerir cor local e a mergulhar o leitor no tempo que se pretende retratar.

Há assim um certo «anacronismo necessário», como refere Lukacs, que permite, apesar de tudo, que as personagens literárias se possam exprimir sobre assuntos do seu tempo com uma clarividência impossível para as pessoas reais do passado⁵⁵.

Segundo o autor de *Le Roman Historique*, a partir de 1848, as mudanças político-sociais acarretaram modificações

⁵³ Pinheiro Chagas, *A Joia do Vice-Rei*, Lisboa, Livr. De Antonio Maria Pereira, s/d (1ªed., 1890), p.8.

⁵⁴ Marques Rosa, *D. Mécia*, Famalicão, Typ. «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, 1914, p.110.

⁵⁵ Cf., «L' "anachronisme nécessaire" de Scott consiste donc simplement dans le fait qu'il permet à ses personnages d'exprimer des sentiments et des idées à propos des rapports historiques réels, avec une clarté et une netteté qui eussent été impossibles aux hommes et aux femmes réels de l'époque.», *Le Roman Historique*, p.67.

na concepção do romance histórico, tornando-o mais subjectivo e um protesto contra a trivialidade sórdida da época capitalista. O exemplo mais interessante seria *Salammbô*, de Gustave Flaubert, onde se assiste à idealização de um passado gigantesco e bárbaro. As circunstâncias em Portugal são diferentes, como veremos no pequeno corpus escolhido.

Pinheiro Chagas, Campos Júnior, Lobo d'Ávila e Lourenço Cayolla

Curiosamente, o romance histórico do primeiro Romantismo português ignora a viagem de Vasco da Gama. Herculano vira-se para a Idade Média, como a época de formação da identidade, assim como Garrett ou o Rebelo da Silva da primeira fase. O século XVIII, a Restauração ou as guerras peninsulares do início do XIX são também palco de muitos textos de Arnaldo Gama, Rebelo da Silva ou Pinheiro Chagas. É só em 1891 que este último publica *A Descoberta da Índia Contada por um Marinheiro*, onde se narra, de modo simplista e convencional o célebre cometimento. O marinheiro Bastião Fernandes, que no dizer do próprio autor é «tão visivelmente a personificação da marinhagem»⁵⁶, recorda a viagem e conta-a a Gaspar Correia. Preside a toda a narrativa um tom profético e até a escolha do Gama se revela premo-

⁵⁶ Pinheiro Chagas, *O Naufrágio de Vicente Sodré*, Lisboa, Empresa Literária Universal, 2ªed., s/d, p.IV.

nitória, indiciando a felicidade da empresa: «cogitava [D. Manuel] em quem havia de ser o capitão-mór de tão grande expedição. (...) De repente, sem razão nem motivo, o rei, que não tirava os olhos do Tejo, voltou-os para a sala, e dizia elle depois que sentira um baque no coração. Entrava n'esse momento na sala, que atravessava nos bicos dos pés, para não interromper el-rei, um cavalleiro da sua casa, que era este mesmo Vasco da Gama.»⁵⁷

O perfil do Gama é evidentemente sempre positivo, não se mostrando nunca nenhuma espécie de animosidade por parte dos marinheiros. Aquando do prenúncio de rebelião, causada pelo desespero, Bastião denuncia os companheiros, tal como Rui Cunha em *A Descoberta e Conquista da Índia pelos Portugueses*, de Lobo d'Ávila ou Ruy Pereira em *O Despertar d'um Sonho*, de Lourenço Cayolla. O paralelismo entre as três obras, duas das quais ainda não foram referidas, faz ressaltar a falta de originalidade e o convencionalismo inerente a todas estas narrativas.

Apesar de o narrador e focalizador ser teoricamente um marinheiro, a verdade é que a ideologia veiculada é a da classe dominante, ou antes é a do discurso oficial da História, que só o século XX se atreverá a contestar. A insistência na providência divina acentua o carácter épico que *Os Lusíadas* se encarregaram de instituir e retira a relatividade humana aos intervenientes na empresa: «E eu [Bastião, o narrador] dizia

⁵⁷ Pinheiro Chagas, *A Descoberta da Índia Contada por um Marinheiro*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 2ªed. Póstuma, 1898, pp.16-17.

commigo que realmente era necessário que Deus Nosso Senhor fosse muito misericordioso connosco, para que assim permitisse que um povo tão pequeno como nós somos obrasse tantas maravilhas, e fosse aos confins do mundo, e revolvesse os mares e descobrisse caminhos novos para estas terras distantes!»⁵⁸.

O tom eufórico que preside a este romance encontra-se igualmente nos dois outros já citados e que vieram a lume em 1898, aquando das comemorações do quarto centenário. O livro de Artur Lobo d'Ávila possui um acentuado pendor pedagógico, prefigurando as personagens inventadas os supostos sentimentos existentes na época. Não há a mínima visão crítica, tudo é contado rapidamente, repetindo esteriótipos. Ao descrever a partida, não falta a réplica fiel do Velho do Restelo («- Oh! Gloria de mandar! Oh! vã cubiça dessa vaidade a que chamamos fama! não abriga decerto em seu coração Vasco da Gama. Grande coração tem na verdade! que bem mal arriscado vae nesta empresa que tantas mortes, perigos e tormentas, farão experimentar ao reino»⁵⁹), como não faltam o projecto de traição, oportunamente denunciado por Rui Cunha, como vimos, ou a insistência na excelência dos portugueses em detrimento dos indianos. Rui Cunha, personagem inventada, simboliza a entrega total aos interesses da Pátria, numa linha que tem muito de místico. Ele e sua amada Isabel casam tardiamente e quase por obrigação, tal

⁵⁸ *Idem*, p.100.

⁵⁹ Artur Lobo d'Ávila, *A Descoberta e Conquista da Índia pelos Portugueses*, Lisboa, João Romano Torres-Editor, 1898, p.31.

como acontecerá num outro romance do mesmo autor, *O Reinado Venturoso*, onde se chega a falar directamente nos Cavaleiros da Távola Redonda e na excelência do amor espiritual. Neste último livro também é afluída a viagem de Vasco da Gama, embora ela surja com menos ênfase, uma vez que o objectivo é a descrição da corte de D. Manuel, suas intrigas e segredos. A burguesia é apontada como contrária à empresa («Era a massa do povo, a burguezia, que não approvava esta viagem para se descobrir a India»⁶⁰), mas a viagem não é directamente relatada, uma vez que o cenário nunca abandona o território português. Vêm dos Açores notícias da permanência da frota no Arquipélago e é narrada a chegada de Vasco da Gama. As invejas e ciúmes que as mercês do soberano causaram, são também referidas, para acentuar o clima de intriga e desconfiança:

«As invejas e as emulações são já patentes, no falar dos contrarios áquella empreza.

– Não bastava o presente de quatrocentos cruzados d'oiro ao capitão-mór, quando partiu, mas ainda á chegada lhe dá de contrapezo o título de *dom* – dizia um fidalgo (...)»⁶¹

O romance de Lourenço Cayolla, também publicado em 1898, tem várias semelhanças com *A Descoberta e Conquista da Índia pelos Portugueses*, de Lobo d'Ávila. O livro tem como subtítulo *Episódios da Descoberta do Caminho Marí-*

⁶⁰ Artur Lobo d'Ávila, *O Reinado Venturoso*, Lisboa, Editora Empreza Litteraria Fluminense, s/d, 1º vol., p.164.

⁶¹ *Idem*, p.225.

timo para as Índias e apresenta-se como um “Brinde aos assignantes do Diário de Notícias”. A narração da viagem é encomiástica e entrelaçada com amores entre diferentes classes sociais. Tal como sucede na obra de Lobo d’Ávila não faltam as intrigas e traições, descobertas por Ruy Pereira, o herói, que mantém com Isabel um relacionamento mais espiritual do que físico e que é desejado por Naid, jovem indiana, tal como o Rui da obra de Lobo d’Ávila o era por uma princesa local. Neste caso, a oportuna morte da personagem masculina resolve o inconfortável triângulo.

Ainda no mesmo ano de 1898, Campos Júnior inicia a sua fecunda carreira de romancista com *Cavaleiro e Monge*, romance histórico dos reinados de D. João II e D. Manuel I. João Afonso, personagem principal, filho natural de D. João II e de uma freira, parte na armada da Índia e é através dele que se narram os vários episódios que culminam com a chegada a Calecut, depois de inúmeras peripécias, que por vezes se ressentem do estilo épico e outras se descobrem fruto da mais baixa traição. A passagem do Cabo contém todos os ingredientes próprios do estilo sublime: «Pela noite adiante levantou-se um vento ponteiro, cortante, impetuoso, cresceu a agitação do mar, carregaram-se os negrumes do ceu, de espaço a espaço rasgados pelos relampagos, que ás vezes pareciam enlear o vulto do Cabo, como as serpentes mythicas em volta do arcaboijo gigantesco de Laconte.»⁶²; de igual

⁶² Campos Júnior, *Guerreiro e Monge*, Lisboa, Empreza do Jornal “O Seculo”, 2ªed., 1899, p.233.

modo, a chegada à Índia reveste-se de uma grandiosidade, que facilmente ultrapassa a facticidade imediata:

«Estava pelas costas do turco, invasor ovante das terras européas, e dera a opulencia mercantil de Veneza, a rainha dos mares, que fora omnipotente e começava a estar já decabida. A sua estrella apagava-se precisamente quando a nossa apparecia fulgurante sobre o ceu de Calicut.

Achava-se o amplo caminho entre a Europa e a Asia; era aquelle, o nosso, o caminho triumphal do Gama.

No Atlantico tenebroso esfarraparam os nossos a noite immensa de tres mil annos. Ali iam rasgar-se as lendas e os mythos em que a India andara envolvida, não somente nas crenças ingenuas da Europa, mas até nas páginas de historiadores e geographos das mais altas civilizações antigas, como as da Grecia e Roma, e como a dos arabes.»⁶³.

As traições e intrigas são encarnadas por um pérfido veneziano que persegue os portuguezes, em geral, ciente da queda do poderio de Veneza que a viagem do Gama propiciará, e João Afonso, em particular, pois lhe cobiça a noiva judia. Todos estes ingredientes concorrem para criar o ambiente romanesco requerido para simultaneamente glorificar os feitos dos portuguezes e encenar uma história amorosa que prenda o leitor através das, por vezes, fastidiosas descrições de batalhas ou de costumes.

O romance histórico tradicional que se debruça sobre o Descobrimento do caminho marítimo para a Índia situa-se,

⁶³ *Idem*, p.269.

como vimos, no fim do século, num momento em que, devido a razões várias, como o Ultimatum Inglês, o Mapa Cor-de-Rosa ou a decadência da Monarquia Constitucional, se favorece o aparecimento de uma literatura apologética que pretende fazer sobressair a todo o custo a grandeza de um Portugal passado. O século XX, ou mais concretamente a sua segunda metade, vai caracterizar-se por uma questionação da História e por um modo diferente de tratar o material textualizado.

O Romance Histórico Pósmoderno

Não podendo ficar alheio às transformações da concepção da História, o romancista modificou também a sua relação com o material pretensamente objectivo que os manuais lhe transmitiam. Pierre Barbéris divide entre HISTÓRIA (a realidade histórica), História (o discurso dos historiadores) e história (a narrativa, a fábula, o mito)⁶⁴. É partindo desta tripartição, que poderemos organizar uma nova noção de espaço e de tempo.

Amy Jeanne Elias⁶⁵ chama a atenção para o facto de em alguns textos pós-modernistas a História ser mais vista em termos de espaço do que de tempo, havendo uma espécie de não-consciência deste, que se representaria pela não linearidade e teria fortes razões políticas e estéticas.

⁶⁴ Cf., Pierre Barbéris, *Prélude à l'Utopie*, Paris, PUF-Écriture, 1991, p.9.

⁶⁵ *Spatializing History: Representing History in the Postmodernist Novel*, U.M.I., The Pennsylvania State University, 1991, dact.

Partindo destes princípios, poderemos tentar explorar as ligações entre História e narrativa, de forma a demonstrar como a evolução de uma condicionou as experiências levadas a cabo pela outra, isto é, como a dificuldade surge quando se quer dar a acontecimentos reais a forma de uma história⁶⁶. White chega mesmo a afirmar que no discurso da História é a narrativa que lhe permite transformar-se num conjunto coerente: «In historical discourse, the narrative serves to transform into a story a list of historical events that would otherwise be only a chronicle.»⁶⁷. Como lembra Paul Ricoeur, «reconstruire les liens indirects de l’histoire au récit, c’est finalement porter au jour l’intentionnalité de la pensée historienne par laquelle l’histoire continue de viser obliquement le champ de l’action humaine et sa temporalité de base.»⁶⁸ Ricoeur alude, em seguida, ao eclipse do acontecimento na historiografia francesa, fazendo um historial das várias concepções de História no presente século, historial que passa pela noção dos limites da objectividade. Esta ver-se-ia reduzida a partir do momento em que o historiador, ao sentir-se implicado na compreensão e explicação dos acontecimentos do passado, se sente incapaz de atestar um acontecimento absoluto através do discurso histórico. Tal tomada de posição decorre, entre outras, da recusa absoluta do positivismo: «Si l’histoire est la relation de l’historien au passé,

⁶⁶ Cf. Hayden White, *The Content of the Form — Narrative Discourse and Historical Representation*, Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 1987, p.4: «Narrative becomes a problem only when we wish to give to real events the form of story. It is because real events do not offer themselves as stories that their narrativization is so difficult.»

⁶⁷ Hayden White, *op.cit.*, p.43.

⁶⁸ Paul Ricoeur, *Temps et Récit*, Paris, Seuil, 1983, Tome I, p.134.

on ne peut traiter l'historien comme un facteur perturbant qui s'ajouterait au passé et qu'il faudrait éliminer.»⁶⁹ A escola dos *Annales* deu um grande contributo a este problema, reflectindo sobre o próprio ofício de historiador, as suas dúvidas e «ir-resoluções»⁷⁰

A relação da História com a realidade do passado, por um lado, e com a literatura, por outro, acarreta inevitavelmente problemas de imitação e de criação, podendo-se afirmar, num primeiro momento, que as principais formas da narrativa ficção se baseiam num contrato mimético.⁷¹ O inverso, no entanto, é também aceitável, sendo possível, defender na esteira de Carlos Reis que «todo o discurso ficcional é também uma forma superior de enunciação do discurso da História»⁷². A mimese implica, necessariamente, um processo de *verdade*⁷³,

⁶⁹ *Idem*, p.142.

⁷⁰ Para um estudo mais aprofundado deste problema, consultar Paul Ricoeur, *op.cit.*, pp.137-172, Hayden White, *op.cit.*, pp.1-57 e Paul Hamilton, *Historicism*, London and New York, Routledge, 1996.

⁷¹ Cf., Barbara Foley, *Telling the Truth — The Theory and Practice of Documentary Fiction*, Ithaca and London, Cornell University Press, 1986, p.68: «Invoking here a fictional tipology more familiar to my readers, I would suggest that the so called major modes of fictional narrative — sometimes described as naturalism, realism, romance, fantasy — are simply variations on the basic form of the mimetic contract.»

⁷² Carlos Reis, «Eça de Queirós e o Discurso da História», in *Queirosiana*, nº7/8, Dez.1994/Julho de 1995, p.46.

⁷³ Cf., «Mimesis inevitably involves art in a process of *truth*: by duplicating, copying a reality which precedes it, literature works in the service of truth, but truth cannot reside in the work of art itself, which merely borrows its true-value from the entity it imitates to the extent that it is a faithful reproduction. In the Platonic system, and the Aristotelian aesthetic theory which derives from it, the origin of the written word is always to be found elsewhere, in a reality or truth which exists beyond representation as pure selfpresence.», Wenche Ommundsen, *Metafiction?*, Melbourne, Melbourne University Press, 1993, p.37.

processo que pode ser contestado desde início. Como lembra Robert Scholes, toda a escrita é construção. Não há mimesis, só poesis.⁷⁴

A concepção de que o romancista histórico se move entre o real e o fictício já tinha, aliás, sido enunciada por Alfred de Vigny, nos primórdios da teorização do género: «Nous trouverions dans notre coeur plein de trouble où rien n'est d'accord, deux besoins qui semblent opposés, mais qui se confondent, à mon sens, dans une source commune: l'un est l'amour du VRAI, l'autre l'amour du FABULEUX. Le jour où l'homme a raconté sa vie à l'Homme, l'Histoire est née.»⁷⁵ Desde então, os romancistas consideram-se no direito de apontar nos seus textos (frequentemente em prefácios, introduções e posfácios) a inerente ficcionalidade, independentemente de ser um texto do século XIX ou uma obra pós-moderna.

Aceitando assim o carácter ficcional da narrativa (mesmo se histórica), e estando conscientes de que não existe nenhuma essência linguística específica da ficcionalidade⁷⁶, podemos chegar à “morte da referencialidade”⁷⁷, que assentaria na impos-

⁷⁴ Cf., «All writing, all composition, is construction. We do not imitate the world, we construct versions of it. There is no mimesis, only poesis.», cit. in Barbara Foley, *op.cit.*, p.11.

⁷⁵ Alfred de Vigny, «Reflexions sur la Vérité dans l'Art», in *Cinq-Mars*, Paris, Le Livre de Poche, 1970., p.24 (1ªed., 1827).

⁷⁶ Cf., Barbara Foley, *op.cit.*, p.40: «Any given element in a narrative, I shall suggest, must be scanned and interpreted as either factual or fictive in order to be read and understood. There is no specifically linguistic essence of fictionality that is immediately perceptible in the particulars of a text.»

⁷⁷ Cf., Barbara Foley, *op.cit.*, pp.13-14.

sibilidade que qualquer escritor sente de atingir a realidade através da linguagem⁷⁸ e, paradoxalmente, na consciência de que o passado só nos pode chegar textualizado⁷⁹, qualquer referência ao mundo empírico só podendo se referir a outro texto⁸⁰. A fronteira entre o romance explicitamente baseado na realidade e o que não demonstra essa preocupação, torna-se fluida, dando azo à ironia bem consciente de romancistas históricos pós-modernos, que parecem fazer eco das dissertações dos teóricos, como muito bem anota J. Saramago em *História do Cerco de Lisboa*: «Importaria saber, isso sim, é quem escreveu o relato daquele famoso acordar de almuadem na madrugada de Lisboa, com tal abundância de pormenores realistas que chega a parecer obra de testemunha aqui presente, ou, pelo menos, hábil aproveitamento de qualquer documento coetâneo, não forçosamente relativo a Lisboa, pois, para o efeito, não se precisaria mais que uma cidade, um rio e uma clara manhã, composição sobre todas banal, como sabemos.»⁸¹

⁷⁸ Cf., Hayden White, *op.cit.*, p.206: «(...) any text attempting to grasp any reality through the medium of language or to represent it in that medium raises the specter of the impossibility of the task undertaken.»

⁷⁹ Cf., Linda Hutcheon, *A Poetics of Postmodernism — History, Theory, Fiction*, New York and London, Routledge, 1988, p.93: «The “real” referent of their language once existed; but it is only accessible to us today in textualized form: documents, eye-witness accounts, archives.» e Christos S. Romanos, *Poetics of a Fictional Historian*, New York, Berne, Frankfurt am Main, Peter Lang, 1985, p.50.

⁸⁰ Cf., *idem*, p.143: «(...) history as used in historiographic metafiction for instance, could never refer to any actual empirical world, but merely to another text.»

⁸¹ José Saramago, *História do Cerco de Lisboa*, Lisboa, Caminho, 1989, p.22.

O acontecimento deixa, assim, de assumir o carácter absoluto que o século XIX lhe atribuía⁸², e essa instabilidade reflecte-se na proximidade de relações entre a História (como ciência) e a literatura, relações nem sempre amistosas, até por que demasiado próximas: «Seule une métahistoire peut oser considérer les récits historiques comme des *fictions verbales*, proches par leur contenu et leur forme de leur contrepartie littéraire.»⁸³.

Ricoeur propõe a designação de **imputação causal singular** para definir «Cette logique [qui] consiste essentiellement dans la construction *par l'imagination* d'un cours différent d'événements, puis dans la pesée des conséquences probables de cet événement réel, enfin dans la *comparaison* de ces conséquences avec le cours réel des événements.»⁸⁴

A assunção desta característica leva-nos invariavelmente para o problema do significado ou seja, das relações entre os vários sistemas significantes quer seja entre o passado e o presente, quer entre os documentos e os leitores, que pretendem o verdadeiro significado desses documentos⁸⁵. Daí que a

⁸² Cf., Paul Ricoeur, *op.cit.*, p.140: «Mais il [livro de Raymond Aron, *Introduction à la Philosophie de l'Histoire: Essai sur les Limites de de l'Objectivité Historique*(1938)] mérite d'être cité à cette place pour avoir largement contribué à dissoudre la première supposition du sens commun, à savoir l'assertion du caractère absolu de l'événement, comme cela qui est réellement arrivé.»

⁸³ Paul Ricoeur, *op.cit.*, p.229.

⁸⁴ Paul Ricoeur, *op.cit.*, p.257.

⁸⁵ Cf. Hayden White, *op.cit.*, p.189: «And this is especially crucial for intellectual historians, who are concerned above all with the problem of meaning and that of translating between different meaning systems, whether as between past and present or between the documents and those readers of history books who wish to know what these documents "really mean"».

narrativa, em si, não distinga o discurso historiográfico dos outros tipos de discurso⁸⁶, como lembra White, ao fazer uma resenha dos vários críticos que se debruçaram sobre este problema.

O sentimento da necessidade de reconstrução e interpretação do passado⁸⁷, leva a que ele apareça tão caótico e complexo como o presente. Tal tomada de consciência facilita, de certa forma, o aparecimento de duas narrações diferentes da mesma ocorrência, facto que vários autores têm explorado, desde o caso exemplar de John Fowles, em *The French Lieutenant's Woman*, apresentando dois fins possíveis para o enredo.

É White quem afirma que «In order to qualify as historical, an event must be susceptible to at least two narrations of its occurrence.»⁸⁸, o que torna a imparcialidade histórica totalmente inadequada⁸⁹ e facilita o aparecimento da ficção ucrónica, onde o tempo é constantemente anulado, e da narrativa contrafactual, onde a efabulação se sobrepõe determinantemente à História.

Esta “flexibilidade” da História⁹⁰ advém, curiosamente, e desde os primeiros romancistas do género, de julgamentos de

⁸⁶ Cf., *idem*, p.29: «Narrative per se did not distinguish historiography from other kinds of discourses, nor did the reality of the events recounted distinguish historical from other kinds of narrative.»

⁸⁷ Cf., Hayden White, *op.cit.*, p.188: «Here arises a division between the historian who wishes primarily to “reconstruct” or “explain” the past and one who is interested either in “interpreting” it or using its detritus as an occasion for his own speculations on the present (and future).»

⁸⁸ Hayden White, *op.cit.*, p.20.

⁸⁹ Sobre este assunto, consultar Elisabeth Wesseling, *Writing History as a Prophet- Postmodernist Innovations of the Historical Novel*, Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991.

⁹⁰ Cf., Hanping Chiu, *Nonfiction Novel, Historical Novel, and the Crisis of the Novel*, U.M.I., University of Minnesota, 1991, dact., pp.118-119.

valor, por parte dos narradores, mesmo se ainda incipientes e sem qualquer intenção teórica de problematizar o passado.⁹¹ No período pós-moderno, a “flexibilidade” torna-se da máxima importância, até por que mais importante do que os acontecimentos será a reflexão sobre a própria História⁹².

A ficção histórica assenta assim numa espécie de paradoxo: por um lado, afirma-se ficção (como vimos) e, por outro, atesta a sua veracidade (mesmo se ironicamente).

Daí que o romance histórico pós-moderno se apresente como «a tertiary form of the historical novel»⁹³, podendo essencialmente ser definido como metaficção historiográfica, na medida em que só podemos imaginar o passado, nunca experimentá-lo⁹⁴, tornando-se a narrativização desse passado, para que White nos alerta (como vimos), condição imprescindível para o aparecimento da História e do romance. Este terá então de ser considerado não uma forma de conhecimento histórico (como os românticos pretendiam), mas a inquirição

⁹¹ Cf., «Has any historical narrative ever been written that was not informed not only by moral awareness but specifically by the moral authority of the narrator? It is difficult to think of any historical work produced during the nineteenth century, the classic age of historical narrative, that was not given the force of a moral judgement on the events it related.», Hayden White, *op.cit.*, pp.21-22.

⁹² Cf., «They [postmodernist historical novels] metafictionally center not on historical events but on history itself.», Amy Jeanne Elias, *op.cit.*, p.105.

⁹³ Elisabeth Wesseling, *op.cit.*, p.24.

⁹⁴ Cf., Linda Hutcheon, *op.cit.*, p.143: «In other words, only by narrativizing the past will we accept it as “true”».

da possibilidade de utilizar esse mesmo conhecimento de uma perspectiva epistemológica ou política⁹⁵.

Tal constatação leva à tomada de consciência do carácter eminentemente crítico e contextualizado de qualquer forma de conhecimento histórico na actualidade⁹⁶, facto que se traduz frequentemente pelo uso da ironia: «In fact irony may be the only way we *can* be serious today.»⁹⁷

O repensar irónico pós-moderno da História revela-se definitivamente não nostálgico⁹⁸, ao contrário da evocação romântica de Idades Médias de sonho, na medida em que se toma plena consciência de que não há uma só verdade⁹⁹, facto que se poderá traduzir por uma grande instabilidade na focalização. A mudança, por vezes, constante de focalizadores, relatando cada um a sua versão da História, dá a medida exacta da precária verdade do passado. Os dois romances de que nos iremos ocupar, *Além do Maar*, de Miguel Medina (1994) e *Peregrinação de Barnabé das Índias*, de Mário Cláudio (1998) ilustrarão essa tendência de relativizar o discurso oficial da História, pela anteposição de outras “verdades” e/ou “mentiras”.

⁹⁵ Cf., Elisabeth Wesseling, *op.cit.*, p.73: «Postmodernist writers do not consider it their task to propagate historical knowledge, but to inquire into the very possibility, nature, and use of historical knowledge from an epistemological or a political perspective.»

⁹⁶ Cf., Linda Hutcheon, *op.cit.*, p.88: «There seems to be a new desire to think historically, and to think historically these days is to think critically and contextually.»

⁹⁷ *Idem*, p.39.

⁹⁸ Cf., Linda Hutcheon, *op.cit.*, p.39: «(...) the postmodernist ironic rethinking of history is definitely not nostalgic.»

⁹⁹ Cf., *Idem*, p.129: «(...) history is not the transparent record of any sure “truth”».

Miguel Medina, *Além do Maar*

Como muito bem anota Hayden White, «The events are *made* into a story by the suppression or subordination of certain of them and the highlighting of others, by characterization, motific repetition, variation of tone and point of view, alternative descriptive strategies, and the like – in short, all of the techniques that we would normally expect to find in the emplotment of a novel or a play. For example, no historical event is *intrinsically tragic*; it can only be conceived as such from a particular point of view or from within the context of a structured set of events of which it is an element enjoying a privileged place. For in history what is tragic from one perspective is comic from another, just as in society what appears to be tragic from the standpoint of one class may be, as Marx purported to show of the 18th Brumaire of Louis Buonaparte, only a farce from that of another class.»¹⁰⁰

A narrativa apresentar-se-á, assim, como um processo de descodificação e recodificação, através do qual a perspectiva convencional poderá ser modificada¹⁰¹.

Em *Além do Maar*, de Miguel Medina são os banidos, os marginalizados, que percebem o descobrimento do caminho marítimo para a Índia.

¹⁰⁰ Hayden White, *Tropics of Discourse – Essays in Cultural Criticism*, Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 1985 (1ªed., 1978), p.84.

¹⁰¹ Cf., *idem*, p.96: «As thus envisaged, narrative would be a process of decodation and recodation in which an original perception is clarified by being cast in a figurative mode different from that in which it has come ancoded by convention, authority, or custom.»

Como recorda Wenche Ommundsen, a história desses grupos está sempre mal documentada o que os torna menos resistentes ao tratamento fictício¹⁰². Amy Jeanne Elias chega a contrariar a definição de Avrom Fleishman¹⁰³, que pressupõe a existência de pelo menos uma figura “real” para que um romance possa ser considerado histórico, afirmando que os marginalizados raramente têm lugar na História, nunca aparecendo nomeados, o que impediria então a sua utilização como importante material narrativo¹⁰⁴.

No romance a seguir analisado, assistimos a um marcante acontecimento da História portuguesa, despido do seu pendor grandioso e épico. A nova visão apresentada choca o horizonte expectacional do narratário, obrigando-o a reflectir sobre o saber há muito adquirido, ao mesmo tempo que lhe desvenda uma outra versão da mesma História, tantas vezes ouvida e decorada. O descobrimento do caminho marítimo para a Índia perde, no discurso histórico de Miguel Medina, toda a glória épica que *Os Lusíadas* lhe imprimiram e que o inconsciente colectivo português lhe confere. É, na verdade, uma outra visão das

¹⁰² Cf., Wenche Ommundsen, *Metafictions?*, Melbourne, Melbourne University Press, 1993, p.54: «Historians have in recent years shown an increasing interest in the history of marginalised groups (racial minorities, women, the poor, and so on), but the difficulty for historiography, and the advantage for fiction-writers, is that the past of such groups is often poorly documented, and so in a sense less resistant to fictional treatment.»

¹⁰³ Avrom Fleishman, *The English Historical Novel – Walter Scott to Virginia Woolf, Baltimore and London, The John Hopkins Press, 1971.*

¹⁰⁴ Cf., Amy Jeanne Elias, *op.cit.*, p.89: «(...)To limit the genre to “real” characters almost immediately excludes those left out of the historical record.»

navegações portuguesas, que nada tem de idealizada, mas que se apoia na focalização dos marinheiros, dos degredados e até dos nativos. A leitura do romance faz lembrar o início de *La Señora*, de Catherine Clément, onde o narrador, no porto de Lisboa, assiste à chegada da nau que acabara de realizar a circumnavegação: «à medida que se aproximava, eu distinguia as velas esburacadas, os cabos partidos, a madeira bolorenta. Alguns marinheiros esfarrapados mal se tinham de pé no barco fantasma; espectáculo de miséria...(...) Foi a primeira nau de que me lembro; cheia de remendos, de costuras, lamentável e fúnebre.»¹⁰⁵

Toda a obra é constituída como uma partitura, constando de Abertura, Três Andamentos, intercalados por Intermezzos, Finale e Posfácio (que reúne notas dispersas). Esta divisão do romance favorece a leitura distanciada, uma vez que tais designações, ao causar estranheza, obrigam o leitor a assumir uma atitude mais crítica do que se a divisão fosse a tradicional, em capítulos, com ou sem título.

No início do livro deparamos com duas epígrafes (uma do *Roteiro do Descobrimento da Índia por Vasco da Gama, séc. XV*, e outra de Kuth Ad-Din An-Nahravali, *História da Conquista do Yémen pelos Otomanos, séc.XVI*) que, por opostas, dão a medida exacta da relatividade da focalização histórica oficial. A transcrição de ambas pareceu-nos digna de interesse, até porque elas condicionam o tom de todo o romance:

¹⁰⁵ Catherine Clément, *A Senhora*, trad. de Maria do Rosário Mendes, Porto, Asa, 1994 (ed. francesa, 1992), p.21.

«Na era de 1497 mandou el-Rei dom manuel, o primeiro deste nome em portugal, quatro navios, os quais iam em busca da especiaria. Partimos do Restelo um sábado, que eram oito dias do mês de Julho. Que deus nosso Senhor deixe acabar o nosso caminho em seu serviço. Amen.»

«Foi nos primeiros anos do décimo século que teve lugar entre os acontecimentos desventurosos dignos de menção a vinda dos malditos portugueses, nação dos franges, amaldiçoados sejam eles, às terras da índia.»¹⁰⁶

Estes dois relatos do mesmo acontecimento estão subjacentes à leitura da narração da viagem e da actuação dos tripulantes. De igual modo, cada uma das partes possui também duas epígrafes: uma do roteiro acima indicado e outra de *Os Lusíadas*. O excerto do roteiro é sempre mais factual e funciona como uma espécie de resumo do capítulo que antecede; as estâncias do poema de Camões correspondem ao episódio ou às circunstâncias referidas, na linha da glorificação épica, embora, por vezes, também incluam uma visão lúcida do sofrimento do povo, como é o caso da citação de passagens do episódio do Velho do Restelo.

A referência a *Os Lusíadas* não se limita às epígrafes, aparecendo, também, veladamente no corpo do texto. O episódio do Adastor representa, como é do conhecimento geral, uma das passagens mais célebres da epopeia e que tem servido como hipotexto de numerosos poemas e romances. No poema

¹⁰⁶ Miguel Medina, *Além do Maar*, Venda Nova, Bertrand, 1994, p.11.

de Camões, o Adamastor entra em diálogo com os portugueses, predizendo-lhes desgraças, mas também se humaniza, contando seus desgostos amorosos. A figura de Vasco da Gama é a de um herói corajoso e temente a Deus (estrofes 39 a 60 do Canto V):

«Não acabava, quando *hua* figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

(...)

E disse: “ Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arado de estranho ou próprio lenho:

(...)

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor *gèrados e nacidos*;
Verão os Cafres, ásperos e avaros,
Tirar à linda dama seus vestidos;

Os cristalinos membros e preclaros
à calma, ao frio, ao ar verão despídos,
Despois de ter pisada, longamente,
Cos delicados pés a areia ardente.

(...)

Assi contava; e, *cum* medonho choro,
Súbito de ante os olhos se apartou.
Desfez-se a nuvem negra, e *cum* sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo coro
dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.»¹⁰⁷

No romance de Miguel Medina, a referência é muito mais reduzida e de sobremaneira irónica: «Nesse dia não encontraram nenhum ser descomunal, deus ou gigante adamastor, que nestas coisas do medo são o mesmo, e um só; isto, apesar do que afirmou alguém de génio, que anos mais tarde compôs um poema sobre aquela viagem, para espanto da gente. João nunca chegou a ler este livro.»¹⁰⁸

A consciência da relatividade da focalização leva o narrador, não só a apor notas várias no final do romance que mostram perspectivas diferentes das dos portugueses, mesmo se degredados

¹⁰⁷ Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Porto, Porto ed., s/d, pp.184, 185, 186 e 190.

¹⁰⁸ *Além do Maar*, pp.116-117.

ou simples marinheiros, e a comentar, nesse apêndice, as circunstâncias que levaram à criação da lenda: «E assim: religião, povo, cultura, usos e costumes benditos, que são os nossos; e religiões, povos, culturas, usos e costumes malditos, que são todos os outros. E, a prová-lo, há homens valorosos, abnegados, sinceros, leais e devotos, que somos nós; e cobardes, preguiçosos, pérfidos, traiçoeiros e pagãos, que são os outros, mouros ou baços, pardos ou negros, ruivos ou amarelos.»¹⁰⁹

É o próprio narrador quem afirma, nas anotações citadas, que se ignoram hoje muitos dos reais acontecimentos passados a bordo, o que torna natural o aparecimento de várias versões, «património onde a lenda e a verdade histórica se confundem.»¹¹⁰

Ao longo de todo o livro, somos confrontados, por um lado com a destruição do mito épico e, por outro, com a realidade que lhe está subjacente: à chegada à Índia, é Martim, um degredado por acusações de magia, que vai a terra; a recepção dos nativos é muito diferente da habitualmente relatada, chegando até a amaldiçoar os portugueses e a considerar os seus presentes como insignificantes; Tristão, o cronista, é proibido por Vasco da Gama e seu irmão, Paulo, de falar na diversidade da fé entre cristãos e indianos.

Um diálogo entre dois marinheiros, defendendo pontos de vista opostos, representam inequivocamente a multiplicidade dos discursos da História:

¹⁰⁹ *Idem*, p.570.

¹¹⁰ *Idem*, p.582.

«– Hoje, nós somos como esse santo homem, que beio até aqui espalhar a palavra de Crixto...– disse Benedicto, num transporte de orgulho. – Temos a ovrigação de repor tudo outra bez no seu debido lugar; relemvrrar a forma dos ritos; as ovrigações da crença; a ovediência ao irmão-santo da Capital-da-fé... É a razão primeira dos perigos que passámos.

Tristão e André entreolharam-se a sorrir.

– O ouro...o ópio...a pimenta...Isso sim – troçou o meirinho. – São eles que nos movem.»¹¹¹

Apesar de teoricamente referencial, apoiado em documentos vários, todo o discurso de *Além do Maar* é, antes de mais, uma denúncia bem clara das formas de fazer História e da importância que essas formas tiveram na elaboração de um inconsciente colectivo nacional: «Era ali, sobretudo, durante as próximas horas, que iriam começar a ser construídas as estórias fabulosas sobre a primeira estada do capitão-mor em terras de Qualecut, no distante e tórrido verão de quatrocentos e noventa e oito; quando chegassem ao cais de Ulíssia, estariam tão distorcidas e cheias de efabulações, inocentes ou premeditadas, que talvez nunca se conhecesse o que sucedera, verdadeiramente, naqueles quatro ou cinco dias. Os marujos não costumavam deixar os seus créditos por mãos alheias, e já iam imaginando, no segredo dos seus corações, episódios ainda mais sangrentos, inesperados, insólitos, improváveis e maravilhosos do que a verdade do sucedido.»¹¹² É que, como diz

¹¹¹ *Idem*, p.409.

¹¹² *Idem*, p.380.

Benedicto da Anunciação ao escriba Tristão, «um nauta frange nunca sentia medo ou angústia, (...) um comando frange nunca falhava nem desaparecia do convés, e (...) toda aquela grande empresa, na qual ambos participavam, não estava suficientemente honrada, enaltecida, exaltada, no seu texto. Além disso, só por má vontade se poderiam considerar certas atitudes do comando como humilhações propositadas, crueldades desnecessárias, ou ignorância pacóvia; os fidalgos eram gente de valor, conhecedores dos mistérios da fé e da corte; e, se assim agiam, faziam-no unicamente para bem de todos e da sua missão.»¹¹³, representando, o porta-voz da censura, do discurso do poder, oficial, que permanecerá ao longo dos séculos.

Uma prolepse do narrador denuncia essa mudança que é praticada por um discurso voluntariamente elogioso do passado: «Os marujos vociferaram-lhes os piores palavrões que sabiam, com quantas forças tinham, e ninguém do comando se atreveu a mandá-los calar. Era assim sempre que as bombardas chamavam ao combate. Estes treze meses de viagem tinham acumulado muitos rancores. Porém, quem sobrevivesse ao regresso seria um novo homem à chegada; honrado e respeitado por todos; talvez mesmo com o nome inscrito nas décadas da história, ou nos poemas, romances, e epopeias que muitos haveriam de compor.»¹¹⁴

As realidades, em geral, escamoteadas ou idealizadas, são referidas no romance de Miguel Medina com *cruenza digna*

¹¹³ *Idem*, p.554.

¹¹⁴ *Idem*, p.464.

de nota, como é o caso das doenças que acometiam os marinheiros, de que o escorbuto é talvez o exemplo mais flagrante, ou da ignorância dos portugueses em relação à religião professada pelos indianos. A implacabilidade de Vasco da Gama e dos outros capitães para com os nativos é demonstrada em várias passagens, destacando-se a do velho vendedor de fruta que é atirado ao mar por não responder cabalmente às perguntas que lhe fazem.

A atracção que a cativa Fatma exerce no marinheiro João dá azo a irónicas referências às aparições de Nossa Senhora, em Fátima, mais de quatrocentos anos depois, o que acentua a noção de relatividade do tempo e da sua possível reversibilidade:

«– O João diz que teve um sonho. Uma espécie de visão. E qu'andou à volta da terra abraçado a ela...

– À virgem ou à Fatima? – perguntou jocosamente André Peres.

Os outros riram.

– Diz qu'andou abraçado às duas. Que no fundo era uma só, que se misturavam. (...)

– Ele garante que foi o senhor que a colocou no caminho da gente para nos salvar das pestes. Que ela lhe apareceu sobre as águas, vestida da mesma maneira da imagem lá da terra dele, e que lhe disse três segredos que não pode revelar...(..)

– Quer dizer que ele teve uma visão, que há mais uma virgem para venerarmos, esta negra, e que ele conhece três segredos divinos...– exclamou André Peres.– Irra!...Isso nem a um pastorinho da Judeia...

– Temos um grumete visionário a bordo – ironizou Tristão, rindo-se. – E quais serão os tais segredos?

– Ora, se calhar é sobre a conversão da seita mourisca... – exclamou André Peres. – ...ou dos pagãos do oriente. Dond' é ele? – perguntou a Gil.

Ali duns reguengos que ficam para lá da cova da Iria. A caminho da vila de Ourém, conhecem?»¹¹⁵

A diversidade de focalizações, que apontámos, destina-se prioritariamente a destruir a versão única e consagrada da viagem de Vasco da Gama à Índia, como aliás já repetidamente enunciámos. Contudo, e apesar da referência a um ou outro exemplo, ainda não nos debruçámos sistematicamente sobre este problema que nos pareceu dos mais aliciantes de todo o romance. O narrador tanto assume uma focalização externa («Estes alvos da frota tinham outras vidas, e parecia não conseguirem entender-se com os mouros»¹¹⁶) como ostenta um saber decla-radamente omnisciente («Nenhum deles sabia, mas tinham diante de si a grande deusa Kali, esposa de Xiva-o- destruidor»¹¹⁷).

Esta alternância reflecte-se também na parcialidade de perspectivas que vão sendo apontadas: os nativos discutem os estranhos modos dos alvos (portugueses); Nuno Castro (comandante da Bérrio) focaliza negativamente Vasco da Gama e seu irmão Paulo, que são igualmente perspectivados por um dos padres; Tristão focaliza o médico, Luís Vaz, assim como

¹¹⁵ *Idem*, pp.208-209.

¹¹⁶ *Idem*, p.75.

¹¹⁷ *Idem*, p.304.

as histórias contadas por Hernando Pacheco, bombardeiro; o grumete João visualiza a cidade de Mombaça; a opinião sobre a existência das várias classes sociais é-nos dada através do mordomo Xavier; uma visão dos portugueses é apresentada nos pensamentos do soldão Omar; etc, etc.

Como facilmente se verifica, a focalização é prioritariamente atribuída à gente miúda de bordo ou aos indígenas das várias regiões. O ponto de vista de Vasco da Gama ou do irmão nunca é referido e estes, curiosamente nunca são chamados pelos respectivos nomes, mas sempre como “o comandante” e “o irmão do comandante”, funcionando as perífrases como atenuantes na atribuição da consagrada heroicidade.

Além do Maar é, pois, um dos casos mais curiosos de múltipla focalização e de desvio do ponto de vista conservador, na tentativa de desmitificar o passado, passado que determinados interesses nacionais tornou mais lendário do que referencial.

Mário Cláudio, *Peregrinação de Barnabé das Índias*

Publicado em 1998 (no quinto centenário da viagem), este romance de Mário Cláudio apresenta uma visão bem diferente das até agora abordadas. Não há propriamente a reconstituição de uma época histórica ou a proposta de uma sequência alternativa à cientificamente comprovada. Há sim uma espécie de reflexão sobre verdades intemporais, incluindo a passagem inexorável do tempo e o seu último significado.

A viagem do descobrimento da Índia, visionada por Barnabé, um marinheiro judeu, falsamente convertido, e por Vasco da Gama, com o qual possui vários traços identificativos, assume-se como um percurso iniciático, já antevisto na própria epígrafe, de um Documento cisterciense do século XIII: «De ti se servem, ó morte inimiga nossa, para alcançar a alegria, tu, que és a mãe do infortúnio; adversária da glória, ao serviço da glória é que te colocam; de ti se servem, porta do Inferno, para entrar no Reino; de ti, abismo da perda, para atingir a salvação.»¹¹⁸

Começando a narrativa “in ultimas res”, Vasco da Gama e Barnabé estão velhos e recordam o passado («um lugar de imobilidades, tão deserto de linhas e tão oco de sons»¹¹⁹), desde a juventude até à célebre viagem. Querendo significar a vetustez do almirante, o narrador apresenta-o «na longitude e na latitude para onde a história o arremassou.»¹²⁰, emprestando-lhe a lembrança de momentos-chave da vida e da História: o casamento do Infante D. Afonso, prematuramente falecido, a morte do duque de Bragança, por ordem de D. João II, ou as suas brincadeiras de infância com o irmão Paulo.

Barnabé, oriundo de outro meio, presentifica também o seu passado de garoto de rua, numa aldeia de Lamego, garoto que descobre a atracção sexual e o fascínio das caravelas: «E

¹¹⁸ Mário Cláudio, *Peregrinação de Barnabé das Índias*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1998, p.11.

¹¹⁹ *Idem*, p.32.

¹²⁰ *Idem*, p.14.

ao atentar numa rapariga que entretece a trança à camarada, lembra-se do pintarroxo que não conseguiu deter, e experimenta a ausência de alguma coisa que se lhe torna vital, e não é pássaro, nem flauta, nem fruta monástica, nem pião extraordinário.»¹²¹; «E sem transição, cruzando os braços sobre a barriga no jeito de quem profere uma palestra, foi desfiando [o tio judeu prestamista] o seguinte discurso, “quem não avistou uma caravela, meu rapaz, não fruiu da perfeita alegria que nos concede o Criador, (...)”»¹²².

Anos mais tarde, em Lisboa, quando ainda jovem, observa o Tejo e as naus e consegue já destrinçar o significado oculto das navegações que aparentemente visam o comércio ou a expansão da fé: «Eram naus e batéis, galés e pinaças, algumas rareantes caravelas, e barinéis e canoas e barcaças, navios que tinham acabado de transpor a barra, ou que se encontravam prestes a zarpar rumo a uma distância que não cabia no devaneio. E outros muitos se iam construindo, e tomava-se Barnabé de susto manso, considerando que o Reino de si próprio se evadia, roído pelas feridas que expunha no escadório dos templos, buscando uma alternativa à sua arrastada podridão, consumindo-se na tessitura de um imenso sonho salvífico.»¹²³

Tomando Vasco da Gama e Barnabé como focalizadores, o narrador oscila entre a 3ª pessoa e as 1ª pessoas de uma ou outra personagem. Por vezes, os períodos são enormes e com

¹²¹ *Idem*, p.53.

¹²² *Idem*, p.54.

¹²³ *Idem*, p.84.

pouca pontuação, o que certamente prefigura a linguagem oral dos respectivos protagonistas, tendendo a intensificar a importância das duas focalizações em confronto. Se há passagens onde nitidamente deparamos com o ponto de vista do almirante (« não esqueceria Vasco o vulto daquele amaldiçoado rei João II»¹²⁴), outras há cujo visualizador é, sem dúvida, Barnabé («E apercebia-se Barnabé, desvanecido com o que lhe ia surgindo, (...) de como distintos se tornavam os negros de semelhante zona [Cabo Verde] dos que, ajoujados à bruteza dos carretos, ou compelidos a apajar os respectivos amos, povoavam as ruas de Lisboa, desprendendo dos costados o transpirado ranço da sua miseranda condição.»¹²⁵). Não é até difícil sentir a estranheza que a visão de Barnabé favorece, quando ela se torna demasiado erudita, para um grumete de tão humilde condição, apesar do evidente percurso iniciático que a viagem representa: «(...) e persistíamos na nossa singradura, e imaginava eu [Barnabé] a “São Rafael” como um presídio no meio da extensão da mais vasta liberdade, e fantasiava que por cordas e cordas se tinham substituído os ferros que nas janelas dos cárceres soem de se cravar, e que para além de tamanha fartura de cordame multiplicadas grades se plantariam, a despeito de totalmente invisíveis serem elas, e resultavam dos ardis de Natureza (...)»¹²⁶.

Como se poderá verificar na última citação e em muitas outras, que seria inútil transcrever, o condicional contrafactual

¹²⁴ *Idem*, p.29.

¹²⁵ *Idem*, p.155.

¹²⁶ *Idem*, pp.128-129.

assume um importante papel no discurso romanesco. O condicional, ao impor uma condição, levanta a hipótese plausível, lógica, segundo o desenrolar da narrativa. É a História possível, provável, que não vem nos manuais, mas que só se poderia ter passado assim. Mas o condicional é também a certeza futura modalizada, sem a arrogância que o futuro simples implica. Ao usar este modo, o narrador situa-se num tempo de certa forma contrafactual que, apesar de todos os artifícios, o torna ainda mais onnipotente e omnipresente: «Ao longe, encobrendo-se no pudor das máquinas de passageira vantagam, “reparariam” os curiosos na barça que constituía mero armazém de materiais heteróclitos, e que, esvaziada da utilidade, irremissivelmente “haveria” de se incendiar.»¹²⁷.

Já referimos várias vezes que a viagem aqui evocada se estrutura como um percurso iniciático (que os diversos elementos assinalados ajudam a completar), mas ainda não analisamos convenientemente os processos de que o narrador se serve para justificar e corroborar tal percurso. Começando pelo índice do romance, que naturalmente corresponde ao nome dos capítulos, verificamos desde logo que os termos empregues (um substantivo antecedido pelo artigo definido, no plural) podem ser interpretados como as várias etapas necessárias para se atingir a “Verdade” (A “Luz”): «As Neves; Os Demónios; As Chagas; Os Loucos; As Cordas; Os Peixes; Os Anjos; As Cidades; As Pombas; As Luzes».

¹²⁷ *Idem*, p.115, o sublinhado é nosso.

Os primeiro e segundo capítulos, assim como os penúltimo e último começam com definições, que indiciam o tom que preside à apresentação das personagens Vasco da Gama e Barnabé. Descritas como fazendo parte de um grupo etário e/ou profissional, elas acabam por se particularizar, dentro da generalização que só aparentemente existe: «Um velho [refere-se a Vasco da Gama] no Inverno é a morte soprada, o tempo dorido, os fantasmas que a paciência esfarrapou.»¹²⁸; «Um pomar de Cister [lugar onde evolui Barnabé] é o desejo da fartura que o Senhor fertiliza, o labor das estações entre o sol e a chuva, a dimensão apropriável do Paraíso perdido»¹²⁹; «Um pedinte [Barnabé] no Inverno é o percurso retomado, o bordão que se deixa cair, a mágoa que não amorna no lume que esmoreceu.»¹³⁰; «Um olhar de marujo [Barnabé] é o caminho dos enganados, a esperança que as nuvens adiam, a manga que se abstém de a tristeza enxugar.»¹³¹.

Ao longo dos vários capítulos vão surgindo diversos pormenores que marcam o universo de profecia e premonição que se vive em todo o romance. Durante a infância de Barnabé, o afogamento de um amigo, André, irá ter grande importância na medida em que ele aparece em momentos importantes para guiar o marinheiro no décalo de sinais que se lhe deparam. Todo o percurso do rapaz é marcado, desde a referência a uma

¹²⁸ *Idem*, p.13.

¹²⁹ *Idem*, p.44.

¹³⁰ *Idem*, p.235.

¹³¹ *Idem*, p.259.

doença venérea, até à escolha que sobre ele recai para integrar a armada da Índia, e que se reveste de inúmeros sinais incontornáveis: não só se alude directamente a uma «aliança com o Senhor»¹³², como se transcrevem as profecias que o tio judeu profere aquando da partida ou as do anjo S. Rafael, que sistematicamente lhe aparece, quando aterrorizado, Barnabé se vale de rezas judias: «E estendeu para ele Barnabé os braços desimpedidos, e tomou-o a visão que se ampliara até ao firmamento, e na capa enfunada o abrigou, protegendo-o como se infante fosse o mancebo, e contra as fúrias disparadas. E uma cintilante planície se espalhava, e não correspondia a oceano, mas à aragem fresquíssima do que não alcança termo e em si se dissolve, e na doçura de que se compõe. E pelos espaços o arrebatava a entidade que o socorrera, arrastando-o para um futuro onde o tempo se extinguia, e desdobrava-se a Ásia como o império sem limites, tão achegada à alma que nela se ia engastando, tão fecunda das preciosidades que formam a coroa dos conquistadores da glória da promessa. E voavam a par, marinheiro e arcanjo, reunidos na máquina que o Espírito sustém, e desgrenhavam-se no azul os cabelos de ambos, e um luzeiro se lhes incrustara nas órbitas, e em sua esteira de centelhas flutuavam os que pelo Planeta tinham vagueado desde o princípio do Mundo, e na unidade se congregavam, e nem lhes pertencia o rosto, porquanto lhes retirara Rafael a máscara que os corrompera.»¹³³

¹³² *Idem*, p.99.

¹³³ *Idem*, pp.199-200.

A trans-relatividade que claramente se entrevê na passagem transcrita imprime a Barnabé uma natureza mais conceptual do que física, ao atribuir-lhe poderes próprios de um Deus, como o de curar ou de perceber o último significado das pombas que sobrevoam as caravelas. Ciente de que «dobrara os cabos, e vencera os remoinhos, e contornara as monções, de uma travessia interior»¹³⁴, o marinheiro consegue apreender o significado último do Mundo («um livro descerrado onde inumeráveis sinais se leriam»¹³⁵), ao dar-se conta do seu poder curativo e ao entender a transsubstanciação dos companheiros mortos, nas pombas que o abordam. A Índia deixa assim de ser apenas um país onde os portugueses foram buscar mais baratas as especiarias de que necessitavam, para se tornar num espaço de iniciação, cujo verdadeiro descobridor é Barnabé: «Só então assentou nele a vista Vasco da Gama e, tendo-lhe pedido que o libertasse da bota que o inchaço do pé esquerdo lhe comprimia, eis que, amochando o de Ucanha [Barnabé, natural dessa terra] para satisfazer o seu amo, um brando toque sentiu nos cabelos encanecidos, e a roufenha voz que estas coisas lhe murmurava, “Deus te abençoe, meu rapaz, que foste tu, foste tu, e mais ninguém, quem essas Índias na verdade descobriu”.»¹³⁶.

Não deixa de ser interessante o facto de ser um judeu, mesmo se converso fingido, o detentor dessa sabedoria interior

¹³⁴ *Idem*, p.245.

¹³⁵ *Idem*, p.247.

¹³⁶ *Idem*, p.278.

e o motor último da viagem. Como não deixa de ser significativa a identificação entre o grumete e Vasco da Gama, identificação que se inicia pela solidariedade que o medo comum institui e termina na velhice partilhada: «E não se apertava o bucho do moço no medo de que lhe inferissem o judaísmo, porque terror mais vasto aprendera ele no semblante de Vasco da Gama, o que os tornava idênticos nesse plano onde de modo único as razões da fraternidade se exprimem.»¹³⁷

Medos que oscilam constantemente entre a realidade e a ficção, os temores das lendas e os perigos que realmente se deparam. A figura da hidra significa o terror sempre renascido, o monstro de que se não pode fugir, porque o sonho e a sua representação referencial raramente correspondem: «(...)compreendi [Vasco da Gama] que não equivalia a [cidade] avistada de bordo à minha povoação de fantasia, (...) e cada região achada em região dissipada se converte, e cada viagem em nova decepção (...)»¹³⁸, daí que o almirante chegue a afirmar que «em sonho, e em nada mais, singraram as armadas em que [s]e met[eu]»¹³⁹.

No entanto, e num aparente paradoxo, o livro não se esgota na visão iniciática a que temos feito referência. Entrelaçados com ela, surgem segmentos cuja referencialidade não pode deixar margem a dúvidas e que inegavelmente retratam a conjuntura da época, numa perspectiva crítica e objectiva. Frases

¹³⁷ *Idem*, p.111.

¹³⁸ *Idem*, p.208.

¹³⁹ *Idem*, p.233.

como «os navios abarrotados da cobiça de Portugal»¹⁴⁰ ou «parecia-lhe [a Barnabé] a empresa em que se alistara uma doideira varrida»¹⁴¹, aliadas a uma focalização crítica de D. Manuel I, que só para si quer a glória, a uma auto-análise que o Gama faz do seu próprio discurso encomiástico sobre o rei português, ou a uma pormenorização narrativa dos ambientes e costumes, desde o equívoco religioso até à organização por castas, concorrem para estabelecer o difícil equilíbrio entre o real do passado e a sua leitura no presente.

Se o romance oscila entre o factual e o contrafactual, a verdade é que há a preocupação em omitir a repetição excessiva de razões e motivos, apostando-se numa economia narrativa que sugere mais do que afirma, ao perscrutar o íntimo das duas personagens em confronto. Ao receber de D. João III o convite para governador da Índia, assistimos ao dilema interior de Vasco da Gama, que se prefigura nos medos ancestrais («E por detrás da sua imagem ressurgia a sereia e o grifo, a harpia e o dragão, e eis que estremeceu de frio pasmo, e sobre tudo isto um aguaceiro desabou»¹⁴²) e nos concretos medos do presente («E laborando depois nas suas fragilidades, as quais, no físico se reflectindo, mercê de enjoos e de arrepios, de espasmos e de comichões, de mágoas das cruces e de apertos da cabeça (...)»¹⁴³). Não é dito expressamente que Gama aceita,

¹⁴⁰ *Idem*, p.40.

¹⁴¹ *Idem*, p.123.

¹⁴² *Idem*, p.282.

¹⁴³ *Idem*, pp.280-281.

mas quando se lê «E juncava-se o soalho de arcazes e de baús e de fardos, os quais a outros muitos em Lisboa seriam acrescentados, porque de parcimónia se não revestia a viagem»¹⁴⁴, adivinha-se facilmente a resposta, mesmo que a não saibamos através do discurso oficial, de que os historiadores se encarregaram.

Romance que não contesta a versão consagrada, mas que a enriquece, imprimindo-lhe um tom profético e premonitório que não anda longe do significado que o inconsciente colectivo nacional lhe atribuiu, desde *Os Lusíadas*.

¹⁴⁴ *Idem*, p.281.

Antologia

Pinheiro Chagas, *A Descoberta da Índia Contada por um Marinheiro* 1891.

“Na noite seguinte, Gaspar Correia, sentado no seu eirado, tendo mandado pôr uma garrafa de bom vinho do reino ao alcance do narrador, ouvia em silêncio a continuação da sua história.

– Haveis de saber, sr. Gaspar Correia, que o sr. Vasco da Gama, que muito se aconselhara com os mareantes que tinham dobrado o cabo da Boa Esperança, resolvera afastar-se o mais possível da costa, não só para escapar às calmarias da Guiné, mas também para ir direito ao cabo, que entrava muito pelo mar, e que dobraríamos com mais facilidade indo do mar de onde soprava quase sempre o vento, do que indo encostados à terra, e por conseguinte contra o vento. Estávamos todos bem dispostos. Passámos por Cabo Verde, e depois o mar te valha! Mas quê! já todos o conhecíamos, e, como havia comida com abundância e água não faltava e o tempo era bonançoso, não nos ralávamos muito. O serviço a bordo fazia-se com um rigor que não vos digo nada. O sr. Vasco da Gama lá nisso não brincava; mas no mais mostrava--se prazenteiro e folião. As naus às vezes aproximavam-se tanto que conversávamos de um lado para o outro, e eram risos e festanças que de certo os peixes se espantavam daquela folia. Quando íamos longe uns dos outros, cada um se entretinha como podia. À noite, nos quartos de vigília, era tudo contar

histórias, e lembrarmo-nos das nossas terras e das nossas famílias, e narrarmos o que nos sucedera em Lisboa. Muita vez aparecia o sr. Vasco da Gama, e calava-se tudo. Mas ele, em vendo que o homem do leme estava no seu posto, e prontos para a manobra, era o primeiro a dizer-nos que ríssemos e folgássemos, que gente merencória não era para aquelles trabalhos. E uma vez que elle disse isto respondeu-lhe o Fernão Veloso, que era homem engraçado:

– Tendes razão, sr. capitão-mor, eu também só em terra é que estou triste... por causa dos credores.

– Ralam-vos muito, Fernão Veloso?

– Não me ralam nada, mas, como tristezas não pagam dívidas, eu faço uma cara muito triste, que é o mesmo que dizer-lhes: «Não apanhais nem um maravedi.»

Quando pareceu que já estaríamos na altura do cabo, virámos para terra, e não tardámos a encontrar a costa, mas qual! era costa conhecida, e que corria para o sul. Tornámos ao mar, indo pela bolina quanto podíamos, mas o mar é que estava já mais carrancudo e os navios bailavam que era um regalo. Assim andámos ainda muitos dias, e já se não folgava tanto nos quartos, e já havia longos silêncios, e já se dizia:

– Este cabo dobra-se ou não se dobra?

Tornámos a enfiar para terra, e todos olhávamos com sofreguidão para ver se ela seguia outro rumo. Mas qual! Terra desconhecida era, que nunca ali tinham chegado as nossas caravelas, mas seguia o mesmo rumo que a outra de modo que parecia que esbarrávamos sempre com um muro que nos não deixava passar.

E aqui tornámos na volta do mar, sempre pela bolina, e fazendo força contra o vento que era rijo, e os marinheiros diziam:

– Então nós andamos toda a vida a jogar a péla com a costa?

O pior é que o mar é que jogava a péla connosco. Saltávamos que era uma coisa por demais, e as vagas temerosas e altas sacudiam-nos como o chouto de um macho pode sacudir uns alforges.

Ah! que tempo aquele, sr. Gaspar Correia, e que duro que estava o mar! De noite era um inferno. Rugiam as ondas que parecia uma trovoadá formidável e incessante. Quando estávamos de quarto era um trabalho continuado. Andávamos sempre a escorrer, alagados em água e em suor. Deitávamos-nos a tiritar com frio, e quando dormíamos, tínhamos sempre no ouvido aqueles roncós espantosos do mar, de forma que nem o sono nos fazia bem. A mim o que me fazia bem, era que sonhava com a Pederneira, e aquele bramido das ondas que me zumbia nos ouvidos parecia-me o clamor das vagas da nossa costa, e parecia-me que estava em casa, com a minha boa velha a fazer a ceia, ou de dia, a consertar as redes, e eu, de papo para o ar, na praia, a ver lá ao longe o monte da Nazaré e o sítio da gruta onde está a milagrosa Senhora. E quando acordava em sobressalto e que via as tábuas do navio e percebia que estava no mar alto, no mar ignorado, dizia comigo: «A minha velha está a rezar por mim. E a Senhora da Nazaré não se esquece de me proteger.»

Onde iam já as histórias do quarto de alva, e os descantes da tarde? Tudo andava calado e triste, e, se Fernão Veloso

dizia algumas pilhérias, ninguém se ria. Só o sr. Vasco da Gama é que lhe achava graça, sempre de cara prazenteira, e dizia:

– Vá, rapazes! que isto está por pouco.

O que ele pensava quando se via sozinho na sua câmara não o sei eu, mas diante de nós estava sempre sereno, que parecia tão seguro do caminho da Índia como eu do caminho da Pederneira para Peniche.

Andávamos já havia um mês naquela faina e naquelas angústias, quando tornámos a demandar a terra. Ah! quando a vimos aparecer, julgámos que tínhamos chegado ao fim dos nossos trabalhos. Mas apenas observámos que a terra continuava sempre no mesmo rumo, e que vimos os pilotos a fazer sondagens e a abanar a cabeça, sentimos um desalento tamanho, que houve alguns que começaram a chorar, e a dizer que queriam voltar para a sua terra, que era tentar a Deus ir mais para diante.

Mas Vasco da Gama, que os ouviu, deu-lhes um berro que estremeceram todos:

– Eh lá! Marinheiros! que se algum fala em tornar a Lisboa, vai, mas é a nado! Então com que gente estou eu metido? Trouxe meninos de mama que choram com medo? O primeiro que me abra o bico vai a ferros para o porão.

E era capaz de o fazer, por isso todos se calaram, e nós lá fomos a terra para ver o que aquilo era e para desembrulhar as pernas. Mas quê! tudo areia, sempre areia e deserto, deserto que nem um animal aparecia. E eu, quando vi os pilotos e capitães reunirem-se na câmara do sr. Vasco da Gama, não me pude ter que não fosse escutar à porta.

– Senhor, dizia um deles, a esta terra nunca os nossos chegaram, e o cabo não aparece. É que o passámos já; mas a costa, se ia algum pedaço para o norte, volta depois a sul, e segue até ao fim do mundo, cortando o mar como um paredão que se não pode romper.

– Triste piloto sois, amigo! respondeu-lhe com azedume Vasco da Gama. Não há paredes nem paredões. Eu informei-me com o judeu Çacoto que, sem ter navegado, sabe mais do que vós todos que andais no mar desde pequenos. E vós, Pero de Alenquer, também sois da opinião dos outros?

– Eu, senhor, não creio que não haja cabo. Pois se eu mesmo o dobrei, se a terra ia subindo, subindo, subindo!... Mas quem sabe lá se depois de subir descia!... Há tanto tempo que andamos nesta volta que é impossível que há mais de oito dias pelo menos não tenhamos dobrado o cabo . . . cabo da Má-Esperança, que de boa não a foi ele para nós.

Neste momento senti que se dava um murro na mesa e ouvi a voz agastada do sr. Vasco da Gama, que dizia:

– Por Deus vos juro que hei-de dar volta ao mar, e que vos levarei arrastados pelas barbas, se tanto for preciso. Ah! que se Cristovão Colombo tivesse gente assim, nunca teria feito ao rei de Castela o serviço que lhe fez!

– Senhor, disse Pero de Alenquer, sois injusto e cruel. Quando a gente de Cristovão Colombo se viu em transes e aflições, quis voltar para a Espanha, e só não voltou porque daí a três dias viram os gageiros a terra. E nós andámos há um mês nesta faina e nestas angústias, e não é muito que a gente principie a descoroçoar e a queixar-se. Se me quereis

arrastar pelas barbas, sr. Vasco da Gama, fazei-o embora, mas sabeí que essas barbas encaneceram de muito batidas que têm sido pela escuma destes mares. Pedistes o meu voto, e eu dei-o; mas agora, como quando para este lado vim com Bartolomeu Dias, dou de barato a minha vida, e, se Deus Nosso Senhor quiser que eu morra nestas águas, não me dá senão o túmulo que eu mereço e que eu desejo. Vamos dar volta ao mar.

– Meu velho Pero de Alemquer, disse Vasco da Gama em tom brando, nunca de vós duvidei. Companheiros seremos, ou na morte, ou na glória. Vamos.

Senti que se levantavam. Eu escapei-me, e, caindo de joelhos a um canto do navio, murmurei:

– Nossa Senhora da Nazaré me valha! Ai! minha velhinha que te não torno a ver.

(...)

Ah! sr. Gaspar Correia, que noites e que dias aqueles! Noite parecia sempre, tão densa era a escuridão, e tão pouco tempo se demorava o sol no horizonte. O mar estava proceloso como nunca o vi, mesmo depois que já por ali passei cinco ou seis vezes. As vagas eram duma altura que pareciam montanhas que ameaçavam desabar em cima de nós, a cerção era medonha, o bramir do mar pavoroso. Houve um dia, sobretudo, em que nos julgámos perdidos sem remédio, e mais ainda, em que os velhos terrores do mar nos entravam na alma e nos ensandeceram quase.

Era ao anoitecer. O mar estava bravo como nunca. O vento soprava rijo. O navio fazia água que era uma dor de alma. Os mastros iam amarrados. Nós, rendidos de fadiga, esten-

didos na tolda, nem fazíamos caso da chuva fria que nos regelava até aos ossos. O nosso desejo era morrer para acabar com aqueles tormentos e com aquelas tormentas. Talvez Nosso Senhor se compadecesse de nós, e nos daria um lugar no P-raíso em paga do muito que tínhamos sofrido pela sua santa causa.

Nisto um relâmpago formidável ilumina o céu já sombrio com as primeiras trevas da noite, e mostra-nos vivamente o espectáculo medonho daquelas ondas enormes, que se estendiam por todos os lados, brilhantes de espuma, que pareciam os dentes anavilhados duma alcateia de lobos furiosos que vinham sobre nós para nos devorar. As outras naus, a pouca distância, bailavam como nós em cima das vagas, e, com o balanço da nau, parecia que as estrelas, que principiavam a aparecer, corriam na ponta dos mastros numa carreira doida. Depois estalou um trovão medonho, que se fez ouvir no meio do rugido incessante do mar.

– Santa Bárbara! exclamaram todos.

A noite cerrou-se, e a trovoada continuou. Não era uma trovoada, eram umas poucas que estalavam em todos os pontos do horizonte. O vento largou a soprar com uma fúria pasmosa. Corremos à manobra, uns a estancar a água do navio, outros a ferrar as velas, a segurar mais os mastros, a reforçar o leme. Mas as trovoadas cada vez se aproximavam mais, as ondas cavavam-se de modo que pareciam sorver-nos ou levantavam-se de tal forma que nos atiravam ao céu forrado de preto como um ataúde.

A cada instante os raios cortavam a noite, e mostravam-nos sempre os navios a saltar como pélas, a espuma a correr

e a alastrar-se por todos os lados, ao passo que até onde os olhos podiam alcançar não se avistavam senão ondas sobre ondas que galgavam por cima umas das outras, como feras que se atiravam esfomeadas em perseguição do viajante. A luz do raio como que acendia em todas elas olhos esbraseados, e parecia que as víamos arreganhar os beiços em que branquejava a espuma. Num desses momentos estávamos bem próximos da nau do capitão-mor, para podermos ver, a sua alta figura no meio dos marinheiros aterrados. Estava descoberto, de espada na mão, e o vento desgrenhava-lhe o cabelo, e enfunava-lhe a capa. Ah! sr. Gaspar Correia, que me pareceu ver o diabo a arrastar-nos ao inferno!

Também levantou-se um clamor em toda a nau, e um de nós bradou:

– Isto é morrer, como gente bestial que vai por suas mãos tomar a morte que a há-de levar ao inferno!

– Que se percam as nossas vidas! bradou um, mas que se não percam as almas!

– Estamos no mar das trevas! acudiu um terceiro. O inferno começa aqui, que bem o mostram os raios e os coriscos.

– Valei-nos, Senhor, por vossa infinita misericórdia!

– Para Portugal! para Portugal! bradaram todos em alta grita.

– Caluda, rapazes! bradou Nicolau Coelho. Que é lá isso? Não se trata de saber para onde vamos nem para onde não vamos. Trata-se de cuidarmos das nossas vidas e das nossas almas, e para isso o que se faz é trabalhar como uns homens e não gritar como crianças medrosas.

Mas os trovões abafavam-lhe a voz, e os raios caíam em torno da nau, como para nos mostrarem bem claramente o abismo que o mar cavava aos nossos pés.

– Jesus! bradei eu de repente, quando um relâmpago envolveu numa larga fita todo o horizonte.

– O que é? exclamou Nicolau Coelho, espantado com o tom apavorado da minha voz, e ele bem sabia que eu não era dos que se assustavam mais.

Não pôde dizer senão estas palavras:

– A estátua! a estátua!

Respondeu-me um grito imenso de terror:

Ah! sr. Gaspar Correia, não sei como se formara aquela visão na minha alma: o que eu vi, juro pela alma de minha mãe, o que eu vi quando o raio iluminou o céu e o mar foi para o lado de leste uma sombra imensa que me pareceu uma figura com o braço estendido, uma daquelas estátuas que os nossos diziam que se levantavam como sentinelas no mar para proibirem a passagem. Todos olhavam ansiosos e trémulos para o sítio que eu indicara; mas, quando veio outro relâmpago, não vimos já para esse lado senão as montanhas de água a encavalarem-se por cima umas das outras.

– Estás doido! acudiu Nicolau Coelho. O que tu viste foi o que tinhas na cachimónia, de assustados que vós andais sempre todos com essas visões de Satanás que não pensa senão em perder a nossa alma, arredando-nos do sítio onde lhe iremos arrancar muitas almas que arrebanha. Olha, aí vem a lua, e bem vinda seja ela, que vai afugentar as visões de má morte com que Satanás vos persegue.

Efectivamente a lua, nesse momento, rompia mansa e clara no céu em que as nuvens se rasgavam. Com o nascer da lua amainara o vento, e o mar aplacava as ondas. A sua luz serena espalhou-se por todos os pontos do horizonte, e não deixava lugar aos pesadelos da tormenta. Era tão boa, tão meiga aquela nossa companheira, que assim parecia vir trazer-nos saudades de Portugal, que todos ficámos a olhar para ela embasbacados e agradecidos. A todos parece que acudiu a ideia de que na lua vinha, como num andor de prata, a Virgem Senhora Nossa, a nossa santa salvadora, porque, apenas fr. João caiu de joelhos, exclamando:

– Ave Maria, cheia de graça.

Todos caímos de joelhos, e, de mãos postas, voltados sem saber porquê para a lua, bradámos em cheio:

– O Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres.

E fr. João tornou:

– Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

E nós soluçantes, com o rosto banhado de lágrimas, a pensarmos nas nossas mães, e nas nossas mulheres e nos nossos filhos, que a essa hora talvez rezavam por nós na nossa terra, dissemos:

– Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores.

E o frade murmurou:

– Agora e na hora da nossa morte. Amen Jesus!

O mar mais manso, mas sempre rugidor e encapelado, fazia-me lembrar o órgão da igreja de Alcobaça, quando acompanhava também, a vésperas, as rezas dos frades e do povo. E a lua subia que parecia mesmo uma hóstia que as

mãos do padre levantavam, no levantar a Deus. E por toda a parte se espalhava uma claridade branda e meiga que nos consolava de tantas angústias, e nos fazia ter outra vez esperança.

Eu é que não me esquecia da figura horrenda que um instante me pareceu ver, e ainda hoje estou em dizer, sr. Gaspar Correia, que aquillo não era senão o monte do cabo da Boa Esperança, que vi confusamente ao longe, e que nós dobrámos, sem o saber, nessa noite terrível”.

Artur Lobo d'Ávila, *A Descoberta e Conquista da Índia pelos Portugueses*. (1898).

“Raiou finalmente o dia designado para largar do Tejo a armada que ia descobrir a Índia, sábado 8 de julho de 1597, dia de Nossa Senhora.

O povo de Lisboa corria pelos campos que separavam a cidade do lugar do Restelo, em que ficava a capela da invocação de Santa Maria de Belém, mandada construir pelo infante D. Henrique, para nela os mareantes, que partiam para as descobertas marítimas se prepararem como bons cristãos, na hipótese da morte, fácil de encontrar em tão arriscadas empresas, confessando-se e tomando os sacramentos.

Era por todos sabido, que dessa capela saíam em procissão os frades da ordem dos Jerónimos, a acompanhar Vasco da Gama e as guarnições dos navios da sua armada, e que el-rei D. Manuel viria ao Restelo dizer-lhe o último adeus, não

se dando por satisfeito com a despedida oficial que lhe fizera em Évora, entregando--lhe o estandarte com a cruz de Cristo, destinado à nau *S. Gabriel*, no acto de lhe serem apresentados por ele os capitães das duas outras naus, *S. Rafael*, e *S. Miguel*, Paulo da Gama e Nicolau Coelho.

Estas naus, e a barca que as seguiria carregada com mantimentos, a cargo de Gonçalo Nunes, serviçal da casa de Vasco da Gama, balançavam-se no rio, não muito distante da praia.

Nelas estavam apenas os homens indispensáveis para as guardar. Todo o resto das guarnições, que no seu total não excediam cento e sessenta homens, entre soldados e marinheiros, achava-se na capela do Restelo, onde os capitães haviam passado a noite, velando ajoelhados diante do altar da Virgem.

Chegaram em luzida cavalgada el-rei e a corte, para ali entrarem em pequenas embarcações que acompanhariam a armada até à barra.

Terminada a cerimónia religiosa, começaram a sair processionalmente da capela os monges, de cruz alçada, entoando cânticos religiosos. Seguiam-se-lhes as guarnições dos navios com os seus chefes subalternos, e logo o que hoje chamaríamos o seu estado maior: os capitães já mencionados, e no meio deles o capitão-mor; depois os pilotos, Pero de Alenquer, que com Barto-lomeu Dias passara o Cabo da Boa Esperança, João de Coimbra e Pedro Escobar. Vinham em seguida os escrivães dos navios, Diogo Dias, irmão daquele navegador, Álvaro de Braga e João de Sá. Caminhavam após os línguas, e ao mesmo tempo pilotos, Fernando Martins de Lisboa e

Martim Afonso, e por último o confessor frei Pedro Cobilones, religioso da ordem da Santíssima Trindade.

Seguiam depois el-rei e a corte, e, fechando o presto, mais frades dos Jerónimos.

Quando chegaram à beira-mar, aqueles que iam partir e tinham uma graduação, vieram beijar a mão de el-rei, e no fim de todos, os capitães das naus, sendo o último, Vasco da Gama, a quem el-rei ergueu, de ajoelhado que estava, e abraçou.

Nesse momento solene, em que a comoção era geral, ergueu--se na multidão um murmúrio de respeitosa admiração pelo nobre carácter do chefe da armada, vendo numa ascensão lenta a tremular ao vento e estacar-se nitidamente do azul esplêndido do céu, o estandarte com a grande cruz de Cristo vermelha, que o monarca entregara em Évora ao capitão-mor, até topetar na gávea do mastro grande da nau do comando de seu irmão, Paulo da Gama.

– Tendes um grande coração! Vasco da Gama! Disse-lhe D. Manuel. – Deus vos fará a mercê de serdes descobridor da Índia ...

Antes porém que o futuro herói tivesse tempo de responder, uma nota extraordinariamente discordante quebrou o respeitoso silêncio que se seguira às palavras do rei:

– Oh! glória de mandar! Oh! vã cobiça dessa vaidade a que chamamos fama! não abriga decerto em seu coração Vasco da Gama. Grande coração tem na verdade! que bem mal arriscado vai nesta empresa que tantas mortes, perigos e tormentas, farão experimentar ao reino!

Todos se voltaram, e com espanto viram que tais palavras tinham sido proferidas por um ancião de venerável aspecto, com longas barbas a alvejarem-lhe sobre o peito, e que apertava ainda entre as suas as mãos de um jovem soldado de quem acabava de se despedir, abraçando-o repetidas vezes. Conseguiu ele desprender-se daquela carinhosa cadeia, que parecia querer impedi-lo de deixar a pátria, e vindo junto de Vasco da Gama, disse para el-rei:

– Perdoai Senhor! Àquele veterano de África, que agora falou mais como pai do que como soldado português.

Vasco da Gama fixou esse jovem soldado que já conhecia dos mais diligentes nos últimos aprestos da armada, e, aproveitando o ensejo para partir, disse-lhe:

– Embarcai no meu batel, Rui da Cunha, e vamos para as naus, se vós senhor! – concluiu para el-rei – dais licença que partamos...

D. Manuel respondeu-lhe com uma inclinação de cabeça afirmativa, em quanto insistentemente seguia com a vista o ancião que de tal modo falara, e a quem uma jovem parecia arrastar em direcção à ermida do Restelo, como para o furtar a mais dolorosas despedidas.

Vasco da Gama estava já de pé dentro da embarcação que o ia conduzir à nau *S. Gabriel*, na qual se viam distintamente os marinheiros prontos a soltarem as velas logo que o capitão-mor chegasse, esperando só a ordem para partir, que D. Manuel lhe dirigiu com um último adeus, já também embarcado no batel real, dizendo-lhe:

– Ide com Deus e Nossa Senhora, que seu dia é hoje!

Poucos momentos depois, a mastreação das naus cobria-se de pano, e as pesadas naves, libertas da amarração, singravam direitas à barra com as velas cheias. No rio, o batel real, seguido por outros em que ia a corte e os músicos com que D. Manuel se fazia sempre acompanhar nos seus passeios pelo Tejo, estava sob os remos, e puderam ainda todos ver que, logo ao passar a barra; Paulo da Gama fazia arriar a bandeira, que só deixara arvorar na sua nau por obediência ao capitão-mor”.

Lourenço Cayolla, *O Despertar de um Sonho*. (1898).

“Calecut era uma das cidades mais ricas e poderosas de todo o Oriente. Rainha da costa do Malabar, o seu soberano usava o título de Samorim ou imperador, e prestavam-lhe vassalagem os rajás de Tanor, Couião, Travancor, Cranganor, Chembé, Cananor, Cochim, Repelim e Porcá. A cidade, situada esplendidamente para servir de chave a todo o comércio do sul da Índia, espreguicava--se por ondulados outeiros, cercada duma vegetação luxuriante e ubérrima. As suas hortas, palmares e arequais estendiam-se nas últimas dobras das fraldas dos Gates, cujos píncaros se levantavam em frente, quase a topetar as nuvens.

Era já quase noite quando as naus entraram na ampla baía. Chegavam por fim ao limite do seu louco itinerário. A bordo, uns cantavam, outros choravam de contentamento.

Esqueciam-se todas as amarguras do passado, as horas angustiosas de luta com a morte, os instantes de cruel desalento, para confraternizarem numa alegria comovida e entusiástica. Os mais frios, mesmo, não se furtavam ao contágio dessa alegria. Os que tinham qualquer ressentimento, adquirido em tantos meses de viagem, abraçavam-se felizes e reconciliados.

Vasco da Gama meditou toda a noite na política que devia seguir em frente do Samorim, orgulhoso do seu enorme poderio. Entrava naquele porto com duas naus quase desmanteladas e com uma pequena guarnição, visto que dos cento e setenta homens, que haviam saído de Lisboa, no mais embriagante sonho d glória, muitos tinham ficado já sepultados nas ondas, em sacrifício a esse sonho, envoltos na mortalha da bandeira sacrossanta das quinas.

Ao seu carácter altivo repugnava qualquer acto, que se pudesse tomar como uma humilhação. Resolveu portanto aguardar o procedimento do Samorim e, nas conversações travadas pelos marinheiros com os índios, que vinham nas almadias negociar com as naus, eles, por indicação do capitão-mor, afirmavam constantemente, que não poderiam desembarcar, sem prévia autorização do soberano de Calecut.

Ao fim do terceiro dia apareceu finalmente uma almadia conduzindo um emissário do imperador. Era um Naire, pertencente à casta guerreira e nobre, tão ciosa das suas prerrogativas que os seus membros se sentiam maculados com o simples contacto de qualquer indivíduo de casta inferior, carecendo de passar por mil cerimónias purificadoras para novamente merecerem a consideração dos seus pares. O ca-

belo muito comprido caía-lhe solto sobre os ombros nus. Elegante, com a cor da pele de um escuro intenso, cingia ao lado esquerdo uma adaga, delgada, redonda, com punho de madeira e no direito uma espada muito curta, sem ponta nem bainha.

Perguntava da parte do imperador o que iam ali fazer aquelas naus. Vasco da Gama repetiu o que dissera ao rei de Melinde. Os portugueses desejavam conhecer um soberano tão poderoso como o de Calecut; negociar com ele; levar os produtos daquela terra aos últimos confins do mundo, e, em nome do seu rei, o mais forte do universo, estreitar amizade com os povos que iam visitando.

O Samorim não respondeu logo. O capitão-mor tinha de lutar ali com dificuldades análogas às que o haviam quase aniquilado em Moçambique, Quíloa e Mombaça.

O comércio do Oriente achava-se então monopolizado pelos *mouros*, mescla dos povos mais diversos, como os árabes, persas, turcomanos e outros, mas todos unidos no interesse supremo de mercadejarem com os indígenas, que enriqueciam esses exploradores sem escrúpulos, continuando eles sempre numa vida erriçada de misérias e privações.

A chegada das naus, que, pela primeira vez, faziam flutuar, naquelas águas, a gloriosa bandeira vencedora em mil batalhas, encheu-os de justificados receios.

Homens, que vinham de tão longe e tão temerariamente se apresentavam, e que possuíam qualidades de coragem e tenacidade, capazes de vencer as empresas mais difíceis. Guiara-os até à Índia um interesse essencialmente mercantil. Assim o

afirmavam lealmente. Era preciso portanto travar-lhes o passo, inutilizar-lhes o ambicioso propósito e fazer-lhes pagar bem caro o temerário projecto. Os mouros tinham a seu favor os direitos adquiridos duma antiga soberania comercial e o dinheiro suficiente para corromperem os que mais caros se fizessem pagar. Os portugueses apresentavam-se em duas frágeis embarcações, que haviam arrostado com a tempestade dos mares, mas que sossobriariam na rede de intrigas e traições que eles iam entretecer.

Os dois conselheiros mais íntimos do imperador foram os primeiros corrompidos pelos nossos inimigos. E das suas sugestões resultou demorar-se o Samorim a responder a Vasco da Gama, fazendo-o só alguns dias depois, mandando-lhe então dizer que enviasse delegados seus para conferenciarem com ele.

O capitão-mor, querendo honrar um potentado, de cujo favor tanto carecia, escolheu para essa missão os três homens, em que mais confiava, depois de seu irmão. Eram eles Nicolau Coelho, Rui Pereira e D. Pedro da Cunha. Nessa escolha, obedecera também ao desejo de lisongear o invejoso fidalgo, porque há muito lhe lera no rosto descontentamento e tristeza. Ao mesmo tempo, sabendo já que o Samorim era muito ambicioso e ávido de riquezas, mandara colocar, quando avistara o emissário do imperador, na tolda da *S. Gabriel*, as peças de veludo e cetim, barretes bordados, uma cadeira guarnecida de brocado com botões cravados de prata dourada, almofadas de cetim com borlas de fio de ouro, um cristalino de Veneza e cinquenta facas de Flandres de punhos de

marfim, embebidas em riquíssimas bainhas douradas e fabricadas em Lisboa, artigos que constituíam o presente, que tencionava oferecer ao imperador. Calculou que o Naire não deixaria de descrever a seu amo a beleza e o esplendor de tudo o que visse e contava antecipadamente, como quem muito conhecia as paixões dos homens, com a influência que essa descrição teria na benignidade do autocrata.

Apesar disso, o Samorim não se prestou a receber nesse dia os portugueses. Felizmente um pobre espanhol, Alonzo Peres, natural de Sevilha, transmigrado, mercê de mil aventuras, para aquelas longínquas paragens, sabia das maquinações, que se moviam contra os nossos, das intrigas, com que se assediara o espírito do Samori e pudera falar a Nicolau Coelho pedindo-lhe que tivesse resignação e prudência.

Realizou-se por fim a recepção. O palácio, em que o imperador habitualmente residia, estava situado no centro da cidade, a duas léguas do extremo em que mandara construir a vivenda, a que citara os portugueses. Essa vivenda não se media em sumptuosidade com o palácio régio, não se distinguia, como ele, pelas belezas que resultam da aliança do estilo árabe, tão elegante na sua simplicidade, com as opulências exuberantes e os rendilhados do estilo indiano, mas ainda assim tinha grandeza bastante para deslumbrar o espírito dos nossos ingénuos marinheiros.

O imperador achava-se deitado numa camilha, verdadeira preciosidade, digna das magnificências orientais. Cingia-o uma larga túnica de tecido de ouro e a cabeça tinha-a recamada de magníficas pedras, que o estrelavam de raios faiscentes.

Um Brâmane, ajoelhado ao pé dele, servia-lhe, de quando em quando, uma folha de betel, que o poderoso soberano mastigava sem cessar.

Os portugueses curvaram-se respeitosamente, admirados dessas maravilhas, com que o Oriente os começava a deslumbrar. Pela boca de Nicolau Coelho expuseram o desejo de negociar tratados de paz com o imperador, pedindo-lhe permissão para poderem comerciar desde logo e trocarem os seus produtos pelos que ali desejavam adquirir. O Samorim era excessivamente ambicioso de riquezas. Sorria-lhe, portanto a ideia de ver o seu comércio alargado para povos tão afastados. Mas as insinuações dos seus ministros tornavam-no prudente. E, por isso, mandou retirar Nicolau Coelho, os dois fidalgos e o intérprete, prometendo enviar-lhes resposta pelo seu Vedor da fazenda. O imperador cedia ao pedido dos portugueses e para prova registava o seu compromisso numa folha de palmeira seca. Nicolau Coelho beijou a folha, que encerrava a promessa imperial. No seu regresso, Vasco da Gama mandou tocar as trombetas, embandeirar as naus e salvar a artilheria, em demonstração de regosijo.

Os índios enxameavam na praia e ao ver as velhas naus, bojudas e disformes vomitarem fogo e bombardas, experimentaram um terror pânico por essas máquinas que pareciam irrisórias e ridículas, mas que eram, no fundo, instrumentos terríveis de destruição.

Começaram logo as relações comerciais. Os feitores portugueses adquiriam pimenta, gengibre, cravo, noz moscada, canela e mais especiarias, dando em troca coral, vermelhão,

azougue, cobre e outros produtos ou moedas portuguesas de ouro e tostões de prata aos que antes preferiam dinheiro.

Nessas transações, os nossos marinheiros, nem disputavam os preços exigidos pelos índios, nem a qualidade dos géneros, que eles apresentavam, o que causava a maior alegria ao Samorim, encantado por ter ocasião de aumentar ainda mais as riquezas, que tão opulento e invejado o tornavam já entre todos os rajás do Oriente”.

Campos Júnior, *Guerreiro e Monge*. (1898).

“A viagem corria bonançosa. De todo se apagara a dolorosa impressão da partida. Já ninguém pensava senão na Índia. Quanto demorariam a lá chegar? Quantos alcançariam vê-la?

À vista de Sagres os navios salvaram, disparando os *berços*. Era a comevedora homenagem tradicional àquele pedaço de terra santa da civilização humana.

Eram naturalmente alegres e expansivos os portugueses daquele tempo. Nas horas tranquilas da viagem os marinheiros e os soldados, em volta de algum tangedor de viola ou de guitarra, cantavam alegremente os *modilhos* e *rimances*, as cantigas e vilancetes que de pequenos tinham aprendido.

À noite, enquanto não chegava o sono, os mais velhos conta-vam histórias e lendas de outros tempos e algumas até da Índia.

(...)

A 15 de Julho, um sábado, pairava a frota nas águas das Canárias, depois de ter passado a sotavento de Lançarote. Estava em calmaria. As velas caíam das vergas enrugadas e flácidas.

Sem poder avançar, a frota por ali se deteve cerca de duas horas. As tripulações foram passando o tempo na pesca. Daria uma excelente refeição o peixe fresco.

Era interessante o entusiasmo e o alarido com que a maruja festejava o pescador feliz que trazia para as celhas algum peixe de maior vulto, prateado, colorido, a saltar desesperadamente nas aflições do morte.

Conversavam animadamente os que pelas suas condições a bordo se não podiam entreter naquele útil passatempo.

Mais desanuviado de espírito, João Afonso contou a propósito da pescaria o caso extraordinário das águias da Índia que pescavam bois no mar.

– Águias que pescam bois! – exclamou incrédulo fr. Pedro de Cobilones, benzendo-se. Essa agora cá me fica!

– Por esse andar, e se tudo por lá vai ao invés de cá – acrescentou o fanfarrão do Veloso, cofiando a bigodeira – bofé que pode o nosso gentil Leonardo ir à caça das sereias e das tubaróas pelas terras dentro da Índia.

– Talvez não vá – replicou o alfenim do Leonardo, fazendo-se muito vermelho. Valerá a pena aguardar que as águias tragam no bico os bois que haveis de abater de um golpe com esse espadagão, que nas mãos de vosso trisivó esbarrigava a moirama toda do Algarve.

Riram doidamente os do grupo e o Veloso, embezourado, pôs em pé os pelos do bigode, hirsuto como as sedas de um javali enfurecido.

– Não vos amofineis por tão pouco - disse brandamente João Afonso, procurando acalmar os dois. Eu também não creio nos bois pescados pelas águias dos mares da Índia. Mas olhai que a fábula a não imaginei eu. Li-a em certo livro antigo de um judeu navarro, muito sabedor, que se chamava Benjamim de Tudela e que por terra foi até ao Oriente.

– Demais a mais navarro!-observou Pero de Alenquer, sor-rindo e olhando de soslaio para fr. Pedro de Cobilones.

– Porém judeu, o que não é a mesma coisa que ser de Navarra – obtemperou o capelão, percebendo o remoque aos exageros da gente espanhola.

– Grande viajante foi – prosseguiu João Afonso – e olhai que andou por todas as terras do Oriente, há coisa de trezentos e tantos anos. Mal empregado...

– Pregiar tantos carapetões – interrompeu Pero de Alenquer.

– Mas assim os pregaram todos os viajantes que andaram por aquelas paragens. Conta o judeu que são terríveis os mares indianos e que neles se perdem navios sem conto. Receosos de tantos naufrágios – é Benjamim de Tudela quem o diz – os mareantes levam a bordo avultado número de peles de boi, uma pelo menos para cada homem. Se o vento, um medonho vento a que nenhum navio resiste, ameaça afundar o pobre baixel, cada um que se quer salvar mete-se em uma pele, cose-a de modo que os braços lhe fiquem libertos e atira-se ao mar. Então as tais águias, às quais chamam grifos, supondo que são bois à tona de água, descem sobre eles, erguem-nos consigo nas garras possantes e vão com eles ao

cimo de alguma montanha ou ao fundo de algum vale, para os devorar.

– Boa peça apanham as águias! – comentou o piloto.

– Apanham certamente, pois que o homem que vai metido dentro da pele, puxa da sua faca, mata a águia, que não conta com um boi de faca, sai para fora e põe-se a caminho em busca de povoação que lhe dê agasalho. Conta Benjamim de Tudela que muitos deste modo se escaparam da morte!

– Hein! sr. fr. Pedro Cobilones? – perguntou o piloto gracejando. Se os mares são tais, muitas peles de boi hemos de requerer ao capitão-mor, ou não chegamos à Índia.

– E hão-de ter chavelhos e cauda para melhor enganarem as tais águias – comentou a rir o escrivão da nau. Se o naufrágio fosse certo, bonita figura havíamos então de fazer entrando na Índia vestidos de bois, salvo seja!

– Se tal suceder, por minha fé vos aconselho sr. capelão, que dentro da pele vos não ponhais a rezar alto o vosso latim – acrescentou gracejando Pero de Alenquer. Desconfiaria da coisa a águia que vos fosse a pegar, e deixar-vos-ia naqueles medonhos mares.

– Eu por mim vou aprender a mugir – acrescentou o escrivão. É que se não houver águias que cheguem para todos, será preferido na pesca o que melhor fingir de boi.

E dizendo destes gracejos se foi passando uma parte da tarde, sem ninguém dar crédito ao grosseiro carapetão de Benjamim de Tudela, certamente colhido nas lendas indianas”.

Artur Lobo d'Ávila, *O Reinado Venturoso*. s/d.

“Certo dia, nos começos de Agosto, pela tarde, quando el-rei voltava ao paço, depois de mais uma longa vigia infrutífera nos altos píncaros da serra, tomado da inquietação que principiava a causar-lhe a demora de Vasco da Gama, fundeava na baía de Cascais um caravelão da Terceira.

Apenas o navio lançou ferro, o mestre mandou arriar o batel e nele saltou. Empunhando o leme, recomendou a um jovem que viera acompanhá-lo ao portaló:

– Filho! Não chegueis à fala com nenhuma embarcação, nem digais vós outros, em terra, coisa alguma das naus da Índia – volveu para os remadores, concluindo: – Rema para terra! Lestos!

Em breve, Artur Rodrigues, cujo nome ficou notado na história, desembarcava. Atravessou rapidamente a praia, agradecendo as saudações dos pescadores, esquivou-se apressado pelas vielas do modesto lugarejo que então era Cascais, e apenas chegado ao campo, largou correndo pelo atalho de pé posto que atravessava a charneca, até S. Pedro de Penaferrim, na encosta da serra de Sintra.

Se não estivessem já entregues ao sono, os frades do convento de Penha Longa, vendo assim passar o marítimo terceirense, em varreira desembestada, ter-se-iam benzido aterrados, julgando ser lobisomen que alguém acabasse de ferir, quebrando-lhe o fadário, e volvido, de cão ou lobo, à forma humana, ainda não desendiabrada de todo.

Enquanto ele corria, avançava o serão no paço de Sintra, serão desanimado, bem diferente de alguns desses que haveria mais tarde, quando a glória do monarca afortunado estivesse no seu apogeu, e ardessem as competências entre Gil Vicente e os poetas seus rivais.

Por agora, aquela preocupação calada de D. Manuel, receoso de não ver chegar Vasco da Gama, pesa sobre a corte que o rodeia. E só a meia voz, pelos cantos das salas e pelos vãos das janelas, cochichavam os entusiastas e os contrários da descoberta da Índia, apreciando a demora ao sabor das suas paixões.

A noite avançara, e com todo o cerimonial da pragmática ia proceder-se à ceia real. Já viera da copa o *prestes da cozinha*, que nos dias comuns substituiu o *mestre-sala*, à frente do séquito de *moços da câmara*, trazendo as iguarias. Já o *uchão* se aprestava, a passá-las ao *trinchante*, que as cortaria, e as daria ao *servidor da toalha*, que faria a *salva*, para colocar na frente de el-rei.

O *copeiro-mor*, sucedâneo do oficial do paço a que os godos chamavam «*conde das escancias*», ou das bebidas, ocupava o seu posto, esperando que el-rei lhe fizesse sinal de querer beber, para ir à porta da sala buscar o púcaro, que lhe daria o *copeiro-menor*, voltando seguido por este e dois «*porteiros da cana*». Todos saudavam e ajoelhavam, enquanto el-rei inclinado bebia, e o *copeiro-mor* sustinha a *salva* debaixo do púcaro. Então se erguia, e fazendo três cortesias de pé atrás, dava o púcaro ao *copeiro-menor* que o levava, seguido pelos porteiros.

Estava pois tudo a postos, e D. Manuel ia sentar-se à mesa, quando tamanha solenidade foi de súbito interrompida pela irrupção na sala, do tosco mestre do caravelão da Terceira!

A corte ficou estática, el-rei atónito, vendo aquele rústico lançar-se-lhe aos pés, esfalfado, sem poder falar, enquanto à porta da sala assomavam, espavoridos, os pagens e porteiros, que não tinham logrado deter o intruso, na sua passagem por eles, como um furacão!

Mas em cada um houve como que o mesmo palpite, de que o extraordinário facto se ligava com o assunto que a todos preocupava: a armada de Vasco da Gama. Decorreu um momento de ansiedade: Seriam boas ou más novas?

Entretanto, Artur Rodrigues conseguira tomar fôlego, e caído aos pés de el-rei, beijando-lhe a mão, e abraçando-lhe os joelhos, dizia com transporte:

– «Senhor! Beije a mão a vossa alteza por a grande mercê que me fará, por tão grande boa nova que lhe trago: Há quatro dias que parti da Terceira, onde deixo duas naus da Índia, que vindo à vela, em meu caravelão, passei por elas e perguntei: disseram-me que vinham da Índia. E por ser tão boa nova não quis que outrem viesse diante que me ganhasse a mercê que espero. V.A. *me fará*»

No auge da alegria, el-rei tudo esquecera, e o seu pensamento voltou-se antes de tudo para o céu:

– Vamos à capela dar graças a Nosso Senhor, por tão grande mercê! – disse para a corte.

A nova logo correu, e daí a pouco afluía ao paço toda a nobreza a felicitar o monarca.

Entretanto, durante a ceia, com infracção da pragmática, el-rei crivava de perguntas o marítimo. Mas ele nada mais sabia. Partira a todo o pano, mal tivera a certeza serem as naus de regresso da Índia.

Eram duas as que voltavam, das três que haviam partido. Mas ainda assim o facto da volta, tendo chegado a descobrir aquele sonhado país de maravilhas, era bastante para encher o coração de el-rei de ventura”.

Miguel Medina, *Além do Maar*. (1994).

“Durante os últimos três dias, a frota só conseguira avançar pouco mais de vinte léguas. Num fim de tarde cinzento, avistaram-se uns picos fragosos, tal como Tristão anotaria. Nessa altura, o piloto de Mocimba propusera ao capitão esperarem a mudança da lua; quando o vento rodasse, ser-lhes-ia mais fácil contrariar a força das águas e atingir a ilha de Quylee. O capitão concordara e dera ordem à frota para regressar ao ilhéu do santo-Lenho; ou do lenho, como já lhe chamavam a bordo. As reservas estavam quase esgotadas; os enfermos tornavam-se cada dia mais exigentes; os pedidos de água nunca abrandavam. Os conveses das três naves cheiravam a doença; os tripulantes iam-se abaixo uns atrás dos outros.

Antes de tocarem Mocimba, tinham pousado na foz dum grande rio, que ficara pelo dos Bões Signaes. Porém, aquela estadia de mais dum mês acabara por se revelar amaldiçoada,

e agora não havia dia ou noite em que não atirassem alguém para as águas do cemitério do mar. O capitão foi obrigado a ceder, e teve que redistribuir as suas forças. Tanto ele como o seu irmão dispensaram alguns homens da Gabriel e da Rafael, para reforçar a tripulação exausta do rival Nuno Castro. Os franges conheciam muitos percursos marítimos, mas os seus físicos ainda não tinham aprendido a navegar nos rios de sangue e de força dum homem. As pestes espalhavam-se; os de melhor condição começavam a temer vir ao convés, e acotovelar-se com a maruja.

(...)

João nunca mais se esquecera do que Hernando lhe dissera então. Na sua fala colorida, descrevera-lhe as tempestades do Ruje como as mais mortíferas do golfão astral; daí o nome do cabo, quando parecia bramir com os terríveis ventos que sopravam nestas latitudes; tal como o Tenebroso, outrora campo de trevas. Acrescentara, que os primeiros mastros a partirem-se eram os reais, por diabólica vontade; e que não havia madeira suficientemente rija na terra para aguentar as forças descomunais que aqui reinavam.

Desde essa conversa, o grumete começara a subir para a gávea com o credo na boca, e era sempre com redobrada atenção que seguia os humores do tempo, à espera que se desencadeasse sobre ele um vendaval cruel e arrebatador; além disso, tudo o que o rodeava servia para confirmar as palavras do bombardeiro. Hernando dissera-lhe que estavam mesmo à beira do fim do mundo, em paragens dominadas por aquele-cujo-nome-não-se-pronuncia. E os monstros marinhos que

cuspiam água pelo dorso, e que se viam rondar a frota, as súbitas rabanadas de vento que desorganizavam os panos, e quase partiam os cabres mais novos e resistentes, as colónias imensas de bichos ameaçadores, de dentes disformes, corcundas e trombas, que uivavam como lobos em cima dos pene-dos gelados, confirmavam as palavras do bombardeiro, criando um ambiente de inquietação e de alerta, impossível de ignorar.

Só muitos meses depois daquilo, num dia em que Hernando se gabou à frente de todos do medo que lhe causara por alturas do Ruje, é que compreendeu que caíra num logro e que o outro quisera somente assustá-lo a despropósito. No entanto, durante toda a dobragem do cabo nunca se registou nenhum temporal particularmente destruidor, nem mais temível do que aqueles que já enfrentara na sua curta vida de embarcadiço. O tempo manteve-se chuvoso e encoberto. O comandante ordenou que metessem na volta do mar, que conhecia de anterior viagem, e depois de alguns acidentes menores, a frota avistara, num fim de tarde cinzento e difuso, o recorte sombrio do Ruje, num frio que punha os homens a bater o dente.

Nesse dia não encontraram nenhum ser descomunal, deus ou gigante adamastor, que nestas coisas do medo são o mesmo, e um só; isto, apesar do que afirmou alguém de génio, que anos mais tarde compôs um poema sobre aquela viagem, para espanto da gente. João nunca chegou a ler este livro.

(...)

Quase não se conseguia distinguir um palmo de areia em toda a praia. O mar fervilhava de embarcações, geralmente

pirogas de diferentes tamanhos, com os seus flutuadores a estibordo ou a bombordo, e apinhadas de gente colorida, alegre e faladora. A vila de Pandalaini fica metida um pouco para dentro, e da frota só se via uma única cortina verde e cinza de coqueiros, formando uma linha contínua entre o azul do céu e do mar. Aqui, a costa desenhava uma pequena reentrância no areal, a jusante dum dos braços de água que a ligavam ao interior da província. Os Degraus ficavam demasiado distantes para poderem ser apreciados de bordo. Bandos de gaivota e de pássaros brancos passavam por entre as embarcações, ou então subiam um pouco nos ares e ficavam a espreitar do alto qualquer coisa que tombasse na água. Centenas de corvos de cabeça cinzenta grasnavam nas copas do coqueiral, mas os seus gritos roufenhos eram abafados pela mole de gente, que descera das aldeias ribeirinhas e da vila até à praia.

Diante do local mais próximo da esquadra aguardava-os um grande contingente armado. Os guerreiros protegiam-se do rigor da temperatura à sombra das árvores. Apesar de ser difícil ter uma certeza, Tristão Sousa estimou-os em mais de dois centos. Traziam escudos pequenos e redondos, espadas curvas, vagamente semelhantes às cimitarras mouras, e enfeites brilhantes nos braços e nas pernas. Rodeavam o bale jndeo e os outros dignitários de Qualecut, que o senhor-das-águas designara para receberem, e acompanharem, o comandante da frota alva. Alguns tinham-se apresentado a bordo na sam Gabriel na tarde anterior, vindos de Pandalaini.

O comandante recebera-os, mas recusara o seu convite para desembarcar ainda naquele dia. Escusou-se por ser tarde,

e pediu-lhes que esperassem por ele e pela sua comitiva, na manhã seguinte, na praia. Não referiu, obviamente, que fora um vago pressentimento de perigos ocultos, uma lembrança que trazia consigo, e uma espécie de intuição que desenvolvera ao longo dos anos que levava embarcado, que lhe fizera moderar a sua vontade, protelando por meia-dúzia de horas aquele desembarque. Não receava o número treze, como os marujos, e achava isso uma superstição idiota. Mas fora alertado, antes de aceitar o comando da esquadra, por um criado velho da praça-forte de Çines, que os dias vinte e sete eram dias de perigo para ele; e que nunca deveria dar um passo importante, ou tomar uma decisão drástica e final, nos dias vinte e sete do ano de noventa e oito.

Neste momento, os dignitários judeos aguardavam-no, tal como pedira, à sombra do coqueiral; muito frescos nos seus panos finos e tronco nu, ostentando jóias de ouro e pedrarias nos braços, nos pulsos e nos tornozelos; alguns com anéis nos dedos dos pés, e dois ou três brincos, de diferentes feitios, em cada orelha. O povo mantinha as distâncias do Costume, por forma a não empestar com as suas emanações impuras o ambiente, que se queria sempre límpido, dos senhores. Os que vinham à frota pela primeira vez discutiam acaloradamente cada pormenor das naves, o seu modelo exótico e bizarro, os mastros altos demais para os ventos ciclónicos da monção. No entanto, aqui estavam; e continuavam a parecer robustas e perigosas.

Homens, mulheres e crianças tentavam meter-se nas pirogas e nos canbucos que vinham até ao pé da babuja, para

tentarem aproximar-se ainda mais da frota, e ver melhor os recém-chegados. Entretanto, os guerreiros conversavam em voz baixa e compassada, tentando ocultar, o melhor possível, o espanto que sentiam perante a força da esquadra alva. As armas não lhes pesavam, eram todos secos de carnes, e tinham os músculos temperados por muitas horas de treino nas artes marciais, e na aprendizagem das ferramentas de guerra, e das táticas bélicas, que seguiam com regularidade desde crianças; os seus corpos baços brilhavam de óleo, de cheiro adocicado, com que se ungiam sempre, da cabeça aos pés, antes da primeira oração diária.

Alguns tentavam descortinar os alvos nas naves, pondo a mão em pala sobre os olhos. Nem mesmo os araves, das cidades santas de Makkah e AI-madinah, possuíam embarcações de guerra com este porte.

– É através daqueles janelos que disparam - disse um dos chefes que estivera a bordo da sam Gabriel com o bale da província. - As bombardas mais baixas são as mais perigosas – explicou aos outros. – Se forem bem apontadas, e, nisso, parece que é gente perita, rebentam com facilidade a linha de água dos inimigos. Reparem na altura dos dois castelos – continuou. – É quase impossível escalá-los por fora. São autênticas fortalezas, imbatíveis no mar.

De súbito, chegou-lhes aos ouvidos o som estridente dos apitos da frota, e a multidão pareceu comprimir-se e distender-se, num movimento ondulante de curiosidade. Um rumor de milhares de vozes espalhou-se pelo areal. Naquele momento, os alvos tinham começado a descer a escada de corda, que

dançava contra o casco da sua nave almirante. Finalmente, chegara o momento por todos ansiado: a embaixada vinha a terra.

Os de condição afortunada tomaram lugar no batel da sam Gabriel, enquanto o resto da comitiva era recolhida por Nuno Castro. O capitão pusera os seus melhores atavios; ao pescoço, o cordão da Ordem; ao peito, os distintivos das comendas da Chou-parria e de Mougellas, que lhe pertenciam por decreto real. Ao jeito dos fidalgos, vestia um gibanete de corte direito, calções tufados, meias de algodão e botas de cano alto dobradas abaixo do joelho. Uma capa curta de lã, presa à frente por laços e fivelas, envolvia-lhe os ombros, acrescentando-lhes largueza. Só se via no seu cinturão uma espada mas guardava atrás das costas, por debaixo da capa, um punhal de lâmina de aço com o cabo de marfim muito gasto pelo uso; era a sua arma preferida para combates corpo a corpo. Pusera no indicador direito um anel de ouro, com uma só pedra negra e opaca, e protegia-se do sol com um gorro de lã de abas largas, reviradas para cima, e uma pequena jóia de ouro como ornamento.

O irmão Figueira vestira o seu hábito mais próprio para esta ocasião, negro e debruado a escarlata; no peito, faiscava-lhe uma cruz pequena de ouro e de diamantes; na mão direita, mostrava o anel da sua posição eclesiástica. Os velhos decretos da corte que, em tempos ainda recentes, proibiam toda e qualquer ostentação, estavam esquecidos; a moda das sedas e dos brocados voltara a imperar. Hoje, já não se via ninguém entre os de mais feliz condição que não se ornasse com fitas,

punhos de renda laços de cetim, veludos e golas altas e engomadas que tapavam o pescoço quase todo; influências vindas doutras províncias, mais lestras a saborearem os requintes que uma corte rica permite aos seus senhores.

(...)

O samorim estava outra vez na sua camilha, mascando em sossego. O mesmo valido, acocorava-se perto do estrado, e ia-lhe preparando em silêncio as folhas de bétel com especiaria. O samorim tinha os lábios vermelhos e saliva nos cantos da boca. Desta vez não fez sinal aos estrangeiros para se sentarem, e os três pararam à distância que o costume impunha, enquanto o feitor se acomodava num dos poyais de pernas cruzadas.

– Por que é que não vieram cá ontem? – disse o samorim em arravia, directamente ao língua frange. – Estive à vossa espera.

Antão sobressaltou-se. Afinal o outro entendia-o bem. Teve vontade de olhar o capitão, mas retraiu-se. André Peres parecia ausente, sem contudo perder um só pormenor.

O capitão respondeu, depois de hesitar um momento imperceptivelmente:

– Os meus homens estavam muito cansados, Antes d’ontem, demorámos muito tempo a chegar à pousada que vossa senhoria nos destinou.

O feitor virou a cara.

– Logo que pudemos, viemos para cá ... E estamos à espera no pátio há quatro horas – disse, olhando de novo o feitor.

O senhor-das-águas inclinou-se para a direita, e escarrou para o pote de ouro. Depois de limpar a boca com a mão, cuspiu outra vez:

– Afirmam que são duma província muito rica; mas não têm nada para oferecer. Pedem ajuda; mas não se mostram gratos. Desejam a paz; mas insultam os nossos costumes.

O capitão demorou algum tempo a responder. Precisou de fazer um grande esforço para não insultar logo o feitor mouro, e pedir ao samorim que tomasse providências contra ele. Contudo, não se arriscou; o bom acolhimento da chegada parecia ter acontecido há um ror de tempo.

– E as cartas?... Afinal onde estão as cartas que disse ter para mim? – continuou o senhor, apoiando-se num dos almofadões de seda com o cotovelo brilhando de jóias.

Antão e André trocaram um olhar. O língua reparava agora, que o comandante se esquecera de entregá-las durante a primeira entrevista; ou talvez tivesse feito de propósito, para ter um pretexto para regressar ali.

– Se mandar connosco uma embaixada a Portugal, verá que tudo o que afirmo é verdade. Nós viemos estabelecer aliança e paz; só isso nos move – disse, em nome dele.

O samorim voltou a recostar-se na camilha. Os alvos olhavam-no de cima para baixo, incomodando-o. Por isso, ordenou ao valido que os mandasse sentar. O meirinho e o comandante agradeceram.

– Querem paz e são duma província rica; pelo menos é o que dizem. Mas não têm nada para oferecer; porquê? – perguntou-lhes.

O capitão ergueu um braço, como se pretendesse fazê-lo esperar. Mas o senhor-das-águas prosseguiu:

– Será que isto é assim? Não é verdade que o senhor traz uma imagem de ouro na proa do seu navio almirante?

O comandante emudeceu. A imagem da sam Gabriel não era de ouro, mas antes em talha dourada. Tentou explicar. Antão atrapalhou-se. Como raio se diria talha dourada em arravia?

– Foi graças a ela qu’aqui chegámos – prosseguiu devagar o capitão. – E será ela que nos levará de volta à nossa terra. Tenho--a comigo há muitos anos. É da minha devoção.

O judeu olhou-o fixamente. Tudo o que ele dizia parecia-lhe contraditório, pouco claro. Em certas ocasiões usava o ouro; noutras a espada. Afirmava que viera de muito longe, para firmar uma aliança com este reino, mas no entanto não o presenteava como devia, limitando-se a referir uma inexistente fé comum; reclamava-se embaixador, mais do que traficante, mas atacava portos e embarcações como um corsário; falava sempre de cara séria; via--se bem que era um homem de paixão e violência.

Tinham-lhe vindo contar, que se ouvira, na hospedaria onde ele repousara, gargalhadas e cantarias até altas horas da noite. Não deviam estar intimidados. Aos seus olhos, isto não jogava certo; aquelas costas eram atacadas às vezes por esquadras de piratas, que, no entanto, não se atreviam a chegar-se tão perto de Qualecut; as embarcações moplas mantinham-nos em respeito. Além disso, a ideia de mandar uma frota de três barcos cruzar os mais perigosos oceanos, para estabelecer

uma irmandade com um reino de crença diferente, que ainda por cima ficava do outro lado da terra, parecia-lhe um plano tão complicado quanto absurdo.

(...)

Dois dias depois, a viração favorável voltou a soprar de nascente. Os homens olharam o céu sem sorrir, mas com uma expressão calma e serena. Quem os pudesse ver, naquele momento, talvez pensasse que estavam loucos; ou, então, apáticos e embrutecidos pelas privações. Desta vez, custou-lhes bastante mais subir ao aparelho apesar de o terem feito com o brio e a casmurrice do costume. Talvez quisessem provar ao vento, ao mar e às nuvens, que ainda não estavam derrotados, que eram feitos da mesma têmpera com que se criam os deuses; já nada pediam ao fado; eram, eles próprios, o fado.

Durante os seis dias que se seguiram vogaram sem descanso. A espuma saltava na proa das naves, os madeiros estalavam, e os ruídos familiares do bom andamento insinuavam-se nos seus corações, amolecendo ligeiramente a couraça que cada qual inventara para se proteger da desdita. Pouco a pouco, foram-se vendo alguns sorrisos nos olhos secos e nos lábios gretados. O sol nascia-lhes pela popa, as manhãs tornavam-se encobertas, e o calor subia com o passar da tarde, ao crepúsculo, a luz matizada em cobre apontava-lhes a linha do rumo ocidental; sempre e sempre para poente.

Naqueles dias, alguns marujos pensaram em vingar-se de desagravos antigos, e começou-se a falar a bordo de se cobrar

todas as brutalidades dos fidalgos, tal como as muitas perfídias dos irmãos religiosos. Os castigos e as denúncias tinham sido tantos que era raro aquele que não mostrava no dorso a marca vergonhosa do açoite. Apesar disso, ninguém se lembrava de culpar António Pires, ou qualquer outro marujo, que tivesse brandido o chicote contra um camarada; se fossem eles a receber estas ordens, sabiam muito bem que nunca se recusariam a elas; eram ossos do ofício; e uma coisa era cumpri-las, outra dá-las. Todavia, a lassidão já era tão grande que estas conversas nasciam como morriam, e os fidalgos foram poupados a perecerem sem honra às mãos dos seus tripulantes.

A festa do solistício de Inverno, ao qual eles associavam o nascimento do seu messias levantino, foi comemorada sem os serviços habituais, que teriam certamente existido caso os irmãos se encontrassem em condições de officiar. Os homens que restavam juntaram-se pelo meio do dia, rezaram em coro algumas orações que julgaram mais apropriadas à data e comeram, um jantar natalício de que nunca mais desejariam recordar-se em dias de sua vida: cinco ou seis ratos crus, com os pêlos, os dentes, as unhas, os olhos e as caudas, e quase tão magros como eles próprios; umas mãos-cheias de gorgulho, onde já mal se via um bago de arroz podre; e uma púcara de água infectada, a dividir por todos.

Apesar disso, arrotaram com prazer. Há longas horas que não lhes passava nada pelo bucho”.

Mário Cláudio, *Peregrinação de Barnabé das Índias*. (1998).

“Pejara-se o litoral de Belém de uma multidão que deslocando-se da Cidade e das terras circunvizinhas, e despertada por um fogo que não seria o da exclusiva curiosidade, vinha acompanhar os transe da largada das naus que pretendiam abicar à Índia. E o que parecia o último fôlego de um povo que se procurava, firmando no pretexto da fama o desvendamento do rosto que lhe pertencia, a breve trecho se convertera numa feira franca de tendeiros que regateavam os artigos da negociata, de saltimbancos que exibiam o prodígio das diabruras, de almocreves e de onzeneiros, de gente dada a mendigar e de amigos da ladroeira. Espapaçavam-se os glutões, a quem atraía aquela comezaina que postulava EI-Rei que gratuitamente se distribuísse, e comentavam os acontecimentos os habituais fregueses das tabernas, num desfascio cuspinhando o caroço de um pêsego ou as pevides de uma abóbora, a augurar o sucesso indubitável da armada, quando não a sua irremissível perdição. Mas não deixariam de presumir, se consultados no núcleo da teia de prenúncios que não logravam dilucidar, que a uma promessa de futuro geral, e redentor dos aleijões do corpo da comunidade, é que se votava o ajuntamento de desvairadas criaturas, submetidas a memória difusa que lhes ditasse a hora e o sentido da inevitável migração. E empregava-se num ofício ritual a turbamulta dos desempregados da sorte, convicta de que da moção de cada um, ou da ladainha que proferisse, haveria de depender a persistência daquilo que pressentia conformar uma natureza que a definia.

Celebrada na véspera a missa da Sé, à qual assistiria uma assembleia de escolhidos que integrava a família real e a sua corte, e mais os comandantes dos vasos que levantariam ferro de Lisboa, a outras cerimónias se iria proceder na Ermida de Santa Maria. Por uma noitada velaram os mareantes, orando no espírito dos ritos fúnebres, entregues a essa atonia da alma que, se não rasa as nuvens, se volve na bruteza da sonolência, e acalentava-os um como que retrocesso ao embalo infantil das rezas de após a ceia, tão penetrado do clima que produz a égide das mulheres que se diria invadir a atmosfera uma vaga de odores a leite e a mênstruo. E ao organizar-se a procissão da manhã seguinte, a de oito de Julho de mil quatrocentos e noventa e sete, não se mostrava menos olheirento Barnabé do que os seus cerca de cento e setenta camaradas, desfilando no sonambulismo dos círios acesos, a amenizar a espécie de acidulada embriaguez que visita os que se tornaram afins na comunhão do pão ázimo do risco. Enquadravam-nos os da Ordem de Cristo, muito rígidos na má vontade da obrigatoriedade de participar da função, ressentidos com a urgência em ceder aquele templo, parcela há que tempos da sua propriedade, aos monges jerónimos que andavam atraindo as boas graças presentes do ocupante do trono.

E não contaria Barnabé com quem dele se despedisse, oferecendo-lhe o aviso que se tem por indispensável, mas que acresce ao acervo de inverdades com que ensaiam os que partem justificar-se e fortalecer-se. Observava a cena de mal gerida tragédia que se lhe patenteava, apondo o cinismo dos solitários às assimétricas manifestações do desamparo e da dor, da consternação e da loucura. No canto dos clérigos,

distraídos do seu múnus pela consciência de testemunhar um episódio cronicável, inseria-se a gritaria das mães e das esposas descomedidas, das filhas tontas pelo alongamento do detentor da vara patriarcal, dos velhos que exibiam a fraqueza do ânimo, das inúmeras carpideiras arrebatadas pelo prémio da raridade da ocasião. E via-os rojarem-se como uma chusma de vermes, intentando apegar-se às pernas dos processionantes, tolhendo-lhes a passada que juravam conduzir à morte, increpando-os de quanto sabiam macular o valor amante, a crueldade e a cupidez, a indiferença e a perfídia, o desamor e o orgulho. Confrangiam-se os que se preparavam para zarpar diante do espectáculo, e ora sorriam de maligno desprezo, ora se retraíam de desbordamento receado, e aproximavam-se do Restelo, e fixavam nas embarcações o olhar que guardava as trevas da insónia, e repetiam as respostas da litania, «et laudabili, et gloriosus, et superexaltatus in saecula».

Concentraram-se os navegantes à vista dos batéis que os transportariam aos navios, e entre eles circulava a nova de que não podia estar mais de feição o vento. E postando-se-lhes defronte os capitães, a custo ouviam a arenga com que experimentava Vasco da Gama saudá-los, e proporcionar-lhes conselho, e incentivá-los à empresa em que num quase sobressalto se deparavam agora. E resumia o homem, «assente que vos decidisses a esta campanha, e seja o Senhor servido em vos escorar a querença, considerai que connosco viajarão as bênçãos de Jesus, e as de Santa Maria, padroeira nossa e rainha dos Céus, e que a este Reino de Portugal prometeu ela a defesa e a honra, e a conquista para a cruz dos que não conheceram, ou fingiram desconhecer, as cinco chagas que os

cravos da Paixão rasgaram na carne, divina e humana, do Salvador do Mundo, e que vos guiem os três arcanjos que deram o nome às três barcas que, assim o permita a Providência, haverão de nos levar em paz até às costas da Índia».

(...)

Metidos nos barcos que os transportavam às naus, viam os mereantes dilatar-se sem remédio a distância que da terra firme os apartava, e se se absorviam alguns, hirtos numa oca meditação, na cadência dos remos que iam mergulhando e emergindo, não topavam outros com aquilo com que preenchessem as trevas do desalento. Soltavam os agressivos pragas e brejeirices, de coisas desencontradas falazavam os nervosos, implicavam os turbulentos com os camaradas, do desnorte da actividade retirando o ocasional pretexto salvador da apreensão que os assolava. E surgia-lhes o povilêu que no areal se aglomerara como um coro de macabras encantações, convocando sobre eles o desastre e o extermínio, a recomendar ao Todo-Poderoso os que jamais reveriam. E tendo--se deposto nos navios os escassos pertences dos embarcados, desprovidos de tudo se deparavam diante de viagem sem termo, indigentes da raiz que os agarrasse, ou do luzeiro que os conduzisse, verdadeiramente senhores de nenhum território. E cantavam trovas lamurientas, saturadas de ais e de suspiros, nostálgicos do que deixavam, e tementes do que padeceriam, e espadanavam os remadores as águas, persistindo no ritmo inseparável do eco dos batimentos do coração. Sem detença ouviam-se os sinos da Ermida de Santa Maria, cegos no toque

obstinado que ora despejava uma revoada de graças, ora acabrunhava as gente de funéreo sentido.

E ali balouçavam a «São Gabriel», a «São Rafael» e a «Bérrio», e havia quem discernisse a mensagem que em cada uma se guardava, denotável por um conjunto de indícios a que detinham acesso os de sensibilidade mais perfeita. Vogava a primeira numa impante soberania, possuidora da autoridade que se lhe entregara, e parecia respeitá-la a brisa, docemente engravidando o velame, pondo a desfraldar numa cerimoniosa festividade as flâmulas que revestiam a mastreação. E à medida que a ela subiam, debruçavam-se os tripulantes na amurada, e acenavam com lenços e gorras, inculcando essa forma de respeitosa altanaria que caracteriza os que se arrogam a familiaridade do mando. Divulgara-se que de raríssima excelência se patenteava tudo quanto à mencionada nau dizia respeito, estrutura e aprestos, carga e serviços. Contava ela cento e vinte tonéis, defendendo-se com as melhores peças de artilharia, fundidas em bronze de qualidade superior, arvorando-se num arrebanho de vitória que suscitaria a submissão de quem a avistasse. E bem oportunamente a teriam baptizado com o egrégio nome do anunciador, já que sem sombra de retracção proclamaria a magnitude do Reino donde provinha.

Algo menos arrogante, flutuava a «São Rafael», em cujo pessoal se integraria Barnabé, e prefigurava-se o fascínio que de imediato se apoderara do rapaz na bela imagem da proa, representativa do arcanjo que em seu patrono se transformara. Possuía o talhe de um adolescente de extremada timidez, com os dedos da mão direita soerguendo a capa, bordada a oiro,

que lhe descaíra, oferecendo-se resignadamente às vagas, hesitante num sorriso que lhe iluminasse o rosto desanuviado da cabeleira que pelas costas lhe ia escorrendo. «Deus cura», atestava aquele angélico em sua discreta atitude, acordando a confiança que exclui o festejo, e a devoção que dispensa a euforia. E chegado de revolver a piscina de cinco pórticos de Bethesda, acolá se prendera o ente paradisíaco, a presidir à agitação das ondas que saram as chagas do espírito. E uma antiquíssima aliança desde logo se confirmaria entre ele e o moço, e prometia-lhe o etéreo o silêncio que sabe aquietar o impulso do excesso, e a esperança que faz esquecer o desconforto do tédio. E se lhe pedissem a ajuda nas encruzilhadas das rotas do extenso mar, eis que se limitaria a garantir como quando protegera a jornada do pequeno Tobias, «sãos partiremos, e são regressaremos, porque é seguro o caminho».

Atrás das sobreditas fundeara a «Bérrio», também e mais dignamente denominada «São Miguel», por bom dinheiro adquirida a um mercador de Lisboa. Não atraía o apreço das parceiras, pois que se não apresentava virgem da astúcia do oceano, e sentia-se-lhe na envergadura a réstia do convívio que aniquila a inocência. Por misteriosa razão apenas nela se haviam empoleirado as gaivotas nos mastros, neles reconhecendo a experiência que desencadeia o à-vontade dos frequentadores de um idêntico meio. E apesar de diminuta, palpitava na embarcação a susceptibilidade de se distinguir, e de ousar o que não ousavam as que a acompanhariam, e de extrair da própria modéstia a naturalidade e a singeleza dos cometimentos do triunfo. Ao longe, encobrendo-se no pudor das máqui-

nas de passageira vantagem, reparariam os curiosos na barcaça que constituía mero armazém de materiais heteróclitos, e que, esvaziada da utilidade, irremissivelmente haveria de se incendiar. E para além da armada, se nela apenas não atentassem os homens, ajuntar-se-iam as nuvens brancas e róseas, ou de um lilás que ia o sol debruando, aberto até nunca mais o estuário do rio Tejo, a desprender as suas cores no infinito do Mundo.

Encontrava-se a bordo a inteira tripulação, quando do lado do cais se espalhou grandíssimo arruído de charamelas e de cornetas, e perceberam que chegava el-rei Dom Manuel com a sua comitiva, e que não restara quem dignamente o acolhesse. Atreito a fazer por regra tardas as aparições, e desconhecendo os capitães a intenção que teria de botar fora as naus da Índia, não se concebera o que de melhor à circunstância pudesse quadrar. Ia abrindo alas o povo, a fim de que progredisse o séquito real, e avistavam os das barcas o monarca, caminhando debaixo de um pália com os privados da sua corte, e erguia ele a mão num amigável gesto, dirigido aos embarcados. Afigurava-se pretender desculpar--lhes a ausência, e significar porventura o comprazimento com a pontualidade da partida, mas em profundo desgosto se abismavam os nautas, por não lograrem colher as palavras que EI-Rei por certo lhes endereçaria. Calaram-se pouco depois os da música, e tomou ele o óculo do tabuleiro de um pajem, longamente o assestando nos navios ancorados. E em silêncio se endireitaram os homens, desejosos de oferecer aos que os descortinava o mais aprumado aspecto de si, e ordenara o capitão-mor que

descessem um batel, no intuito de volver aos areais do Restelo a beijar os dedos enluvados do seu alto senhor.

(...)

Considerava Barnabé aquele que tão pérfido e crudelíssimo se ia mostrando com a sua Nação dispersa, e relembrava a realeza de Israel e de Judá, David e Salomão, Jeroboão e Roboão, Abiam e Asa, Nadab e Baasa, Ela e Zambri, Amri e Acab, Oozias e Josafá, e não lhe ocorriam os sobejantes, a não ser Josias. E futurava que bem mais magnânimo do que o de Portugal teria sido Salomão, a quem o levantamento do Templo se ficara a dever, e que em cada ano auferia seiscentos e sessenta e seis talentos de oiro, e que mui distanciada de tal renda por força haveria de parar a riqueza que advinha ao Lusitano, e possuía Salomão um trono de marfim marchetado do metal puríssimo, e de incalculável valor se escrevera que era a baixela em que comia na sumptuosidade da casa da floresta do Líbano. Doía-lhe que largassem, a demandar o tesouro que tinha arrecadado o que de facto em grandeza tudo ultrapassara, ao colocar-se à testa dos seus mil e quatrocentos carros e os seus doze mil cavaleiros, e ao pelo mar adentro enviar a frota de Asiongabar. Risível lhe surgia o gabarola que ambicionava o império do Mundo, e que na margem se implantava como uma espécie de macacão, provido de braços tão compridos, tão compridos que lhe atingiam meia coxa. E com o manto e o barrete de cetim cor de cereja, nos quais, ainda que se estivesse em pleno Verão, não prescindira de que lhe aplicassem os adereços de pele de marta que sobremaneira o deliciavam, antolhava-se o Portu-

guês um como que infante que crescera em excesso, e que atirava a navegar os seus barquinhos, atados por um cordel de prata doirada. Rodeavam-no uns quantos macacos, que assim se definiam, quando lobrigados da lonjura da «São Rafael», a exhibir momices e cabriolas, e que lhe provocavam a cordura ou a cólera, não raro a desprezante diversão. Que imenso e que diverso teria sido, se confrontado com este, o inesquecível Salomão, ao declarar, «reconhecerão todos os povos da Terra que somente Iahvé é Deus, e que outro não há além dele»!

E apercebendo-se o rapaz de que se inclinava Dom Manuel para um dos seus validos, à puridade lhe segredando alguma coisa, imaginou que diria o seguinte, «que se internem por esse oceano, e que se não atrevam a regressar de porões sem o que importa, e se houverem de perecer, que morram antes de nós, já que nos brindou o Omnipotente com fumos de eternidade, e que não tragam pássaros vistosos, porque de quejandas mercadorias arreceberam o que abonde os meus sogros de Espanha, e se desejam que os contemple com mercês, que porfiem por isso, que não sustento madraços, e custou a armada uma fortuna que os nossos súbditos irão pagar, se forem de feição os resultados, e que disseminem pelo Orbe o nome redentor de Jesus, e o tão benigno socorro da Virgem Santíssima, sua Mãe e Mãe nossa, e que se deitem à vela, que me agasta mirá-los, parados acolá, e começa a soprar o vento que os empurra, e que tão nocivo se me torna à garganta, e que São Brás me proteja, que me não apetece a tintura mal-fadada contra a tosse, a qual sumamente gozam com me ver emborcar os físicos de que ando em aborrecida fartura».

(...)

Arrojávamo-nos aos catres, quando podíamos, e narrava-se uma cousa e outra, e sobre o que ouvíamos acabávamos por adormecer, não distinguindo o que sonhávamos daquilo que íamos observando, e asseverava ter um certo Veloso numa madrugada, e ao largo da Serra Leoa, debruçando-se à popa, percebido um grandíssimo espadanar das ondas, e avistado um velho de barbas que saía da espuma, o qual dava sinais de reinar nas profundezas, e explicava o nauta que contara isto ao capitão da nau, e sucedera o fenómeno numa viagem à Costa do Ouro, e lhe retrucara ele ter conhecimento de criaturas assim, que as vira num livro da Itália, e mais dissera que andam tais figuras com uma espécie de fateixa que lhes serve para a apanha do pescado, e também para o escabicho dos limos que se lhes enredam nas barbaças, e ao assomar das vagas, mirou o ancião o mareante com calma majestosa, e parecia querer significar que não temia os Portugueses, e que fossem eles à sua vida, sendo a dele tão diversa, tão diversa que a não entenderiam, e nunca mais lhe apareceu um sujeito igual, e rematava o que nos descrevia esta visão, «se acreditais, é que acreditais, e se não, é que não, boas noites, que vou dormir, boas noites».

E havia um rapaz que se destacava por franzino, e que se nos afigurava como que estremunhado, e de uma vez, estávamos uns quatro ou cinco com ele, a emendar umas cordas, encheram-se-lhe de lágrimas os olhos, e pôs-se a recitar como se a sós praticasse, e julgámos que lhe tinham chegado as febres, e ia relatando ele estas estranhezas, «veio a mulher à tona, muito linda, e de tamanho maior do que quantas existem

na Terra, e fiquei à espera de que começasse a cantar, já que consta que possuem a mais harmoniosa das vozes, mas nada aconteceu, e pousara ela as mamas à flor das águas, e tomara-me tão enorme desejo por quejanda fêmea que me aborreciam as de que me lembrava, e que cabeleira se lhe estendia pelos ombros, e que pescoço de alvura alevantava que nem em dama da Corte se encontraria, e por trinta dias e por trinta noites não atinava eu com o que me pertencia fazer, e assaltavam-me ganas de beber o inteiro mar, buscando a que de tal maneira me transtornara, e chorava por não a haver descortinado da cintura para baixo, nem saber como seria, e escarneciam de mim os companheiros, e garantiam que arvorava a magana rabo de peixe, e que não alcançaria conceder ela o que nos concedem as gerais filhas de Adão e Eva, afoitese lá alguém a compreender este mistério».

E um João Lopes que de temperamento se mostrava assomadiço, e que era calaceiro, porque lhe atribuíam uma tarefa que reputava de mais pesada do que a dos camaradas, ou porque se doía de lhe falarem da mãe sem o devido respeito, ou porque se queixava de lhe encherem de menos a caneca do vinho, jurava e trejurava que esbarrara no Cacheu com um gigante assustador, o qual, ainda que o contrário lhe provassem, não desistiria de acreditar que haveria de ser São Cristóvão, e sem a cabeça de cão que se afirma caracterizá-lo como natural da região dos comedores de humanos, mas com a altura de tronco que toca a copa das árvores compridas, e com a anchura de espáduas que causa admiração em qualquer um, se bem que não circulasse com o Menino Deus às cavalitas, e acrescentava o sobredito João Lopes, e adoçava-se-lhe o aspec-

to habitualmente façanhudo, que se lhe apresentara o Santo de mui amena catadura, e que sorrira até, ao topar com ele, e que, retirando um coco da rama onde se pendurava, lho oferecera com indícios de mansidão, e que terminara por recomendar o que se segue, «não receies a envergadura do meu corpo, que de sobremaneira importa a medida do coração, e contemplou-me o Senhor com o affecto que não cabe na estreiteza de um corpo comum, e sinto-me como se tivesse disposto o Altíssimo fábrica tão vasta como a minha, a fim de que nela habitasse o máximo da Sua grandeza».

Mas de um especial segredo se murmurava com cautela permanente, e atreviam-se poucos a proferir o nome que a todos aterrorizava, e apenas nos referíamos às «muitas cabeçorras», e com pânico de que nos ouvisse quem não pretendíamos, pois corria que, tendo soltado a tal palavra um grumete da capitânia uma semana depois de zarparmos de Lisboa, o metera a ferros o comandante, a estremecer de raiva, por escutar o que escutara, e não deduzia o moço a falta que cometera, e continuávamos nós na ignorância dela, e ainda hoje me falha a coragem de denunciar o que fora proibido, e por breves expressões a isso nos reportávamos, e aludíamos à «calada», à «sem baptismo», à «que ninguém nomeia», desta forma sugerindo a avantesma, porquanto de avantesma se curava, eis o que ousou confessar, mas suspeitávamos de que surgiria ela logo que pronunciássemos o que nos era defeso, única razão para a fúria de Vasco da Gama, e para o castigo que em continente aos incautos applicava, mas difícil é resistir a executar o que nos vedam, quando nos não achamos segu-

ros do motivo do interdito, e não aguentando por longo tempo sepultar no íntimo o perigoso chamamento, enfiava-me eu debaixo de uma manta, e entre dentes repetia, não fosse libertar-se-me ela no meio de um pesadelo, «hidra, hidra, hidra, hidra, hidra, hidra».

(...)

E tendo percorrido a armada espaços de pesada cerração, a qual não oferecia tréguas a que entre si se avistassem as naus, ergueu-se o mar de repente como que puxado por força sobrenatural, unindo-se ao céu pejado de negrume. E a toda a volta da gigantesca coluna estrugiam as águas em torvelinhos que para trás e para a frente giravam, e que pela haste descomunal iam sendo absorvidos. Tomaram-se os homens de extraordinário susto, suspeitosos de que significasse aquela alteração da comum engrenagem dos elementos, surgida do que se lhes afigurava o breu das regiões infernais, artimanha dos demónios, determinados a impedir-lhes a difusão do evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, mostrando-lhes que do além que demandavam lhes pertencia o poder soberano. E em grandes brados, e em vozeria desconexa, reclamavam os embarcações o auxílio da divina luz que os guiasse, extraindo-os à perdição que se lhes antolhava fatal. Viam em desmesura engrossar o mostrengo que tudo chupava, alimentando-se de quanto oceano existia, e pareciam crescer as preces à violência que se desencadeara, e começavam a presumir os mareantes que formaria ela pretexto de que se servisse a Providência, a fim de os testar na estabilidade da fé e na tenacidade da missão de que os incumbira.

Deu-se o caso de que, encontrando-se achegada à raiz do tronco líquido a «São Rafael», mui intenso fosse nela o efeito que o fenómeno produzia, metendo-a em desastrado balanço que até ao afundamento ameaçava fazê-la adornar. E agarravam-se os nautas à base dos mastros, e desenfiam-se as velas do cordame, e nem os gritos que lançavam se ouviam no estrondo do redemoinho das espumas. Um pânico pior do que o dos outros, e do que quantos o haviam assaltado, descompunha Barnabé, e ora presentia ele que o engoliria o inclassificável colosso, ora antecipava que lhe pararia o coração. Rasgara-se-lhe a encortiçada pele dos dedos com que furiosamente se ia apegando a uma corda que nem percebia a que parte da mastreação correspondesse, quando succedeu que uma espantosa vaga, nascida do abaixamento do cilindro turbilhante, de chofre se abateu sobre o navio, de ponta a ponta lhe lambendo o convés. De roldão foi projectado o de Ucanha, e sem acertar se a bordo se rebolava ainda, se já no leito das areias. Volveu à tona, e cobrou fôlego, e reimmergiu, e não atinava com luzeiro, nem com chamamento, e era numa salina cata-dupa que se despenhava, e encharcavam-se-lhe os pulmões, sem remissão o sugando a fundura.

Proveniente dos serões da infância aldeã, tão longínquo e tão próximo que se tornava necessário perdê-lo antes de se fruir da bênção de o reviver, aflorou-lhe um murmúrio, e eis que irreprimivelmente se deitou o infeliz a recitar, «hodou lado-naye ki tob, ki léolam hasdo, yodou ladonái hasdo véni-fléotav libuné adam». E de novo mergulhou, e de novo regressou à tona, e havia aquele imenso arruído proporcionado

entretanto lugar ao silêncio dos vastos templos vazios. Serenava o Atlântico como se sobre ele tivesse baixado a mão do Criador, impondo a ordem onde a desordem reinara, e o sossego onde o desassossego se estabelecera, e atenuava-se o vulto do espectro sem rosto, nem pernas, nem braços, que no estonteamento precipitara a tripulação de Portugal. Para as extremas da planície marinha, na qual se tinha mudado a dita espécie de convulsão de agonizante, alongavam-se os rolos da espuma, reclamados por um império a que não era possível desobedecer. E abria-se o manto nebuloso, e por ele se deixavam coar os raios do sol, e uma esteira se prateava, claramente apontando o sudoeste a seguir. Reequilibrada na sua estrutura, arfava a «São Rafael», derrotado que fora o inimigo imprevisto, e divisava a «Bérrio» primeiro, e a «São Gabriel» logo depois, e desprendia-se dos cimos um orvalho que retemperava da turbção, ungiendo os mareantes, exaustos da batalha em que se lhes deparara adversário invulnerável às armas e ao engenho de que se apetrechavam. Numa diligência de recuperado vigor, apelando ao entusiasmo que brinda os que a sorte teima em recompensar dos padecimentos, baldeavam a viscosa inundaçãõ que estorvava os que pela nau, e no exterior ou no interior dela, principiavam a cirandar. Ajustavam as enxárcias, endireitavam os cabos, e um vento que não pecava por excesso, nem por defeito, arredondava o velame impelindo-os na rota certeiríssima.

E extasiava-se Barnabé, flutuando de costas, tão vivo como nunca, esperando os companheiros o socorro de que se achava seguro, iluminado por essa placidez que substitui a

inicial travessia dos territórios da morte. Terminada a imprecação a Iahvé, colhera-o da vertigem de sombras um anjo perfeitíssimo, e atentando na face que defronte se lhe postava, entendera o rapaz que não era senão o da figura de proa, representativa do glorioso advogado da sua barca. E sustentando-o num abraço vestido por uma túnica escarlate, e beijando-o nos beijos de moribundo que se julgava, nestes termos lhe falou a tranquilizadora aparição, «nada temas, irmão e amigo, pois que venceste agora mesmo a inicial das provações com que deseja o Altíssimo experimentar-te, e fica sabendo que, não bastando descer por uma vez às trevas do extermínio a que sujeita ficou a condição do homem, de futuros combates haverás tu de sair triunfante, e nem terá sido o presente o de valia maior, nem o de mais alevantada dificuldade, e gozarás da paz que se sobrepõe ao temporal, se bem que diversas tentações te revisitem, e suprema será a que te conduzir a por momentos duvidar da misericórdia do Senhor, e afirmo-te eu que alguns que superiores te são na ciência e na autoridade, e que nesta viagem se comprometeram, não mais imunes se manifestam ao temor que corrói as entranhas, e que amarra os artelhos, e que abafa os movimentos da respiração, e isto sem que de tal os humildes como tu desconfiem, e aspira o alento do Absoluto que à Sua imagem e semelhança te amanhou, e que do fulgor do Espírito se te preencham os músculos, pois que neste instante preciso terás sido maravilhosa e realmente baptizado». E retomando ao seu posto no topo da quilha o que assim o interpelara, arrearam os da embarcação um escaler, e vieram três camaradas robustos arre-

batar Barnabé às fauces do cardume de tubarões que o paralisado corpo sinistra-mente lhe rondavam.

(...)

Das Índias retinha Bamabé uma corola gigante de cores e de perfumes, no centro da qual o significado da existência se lhe inseria, passados os abismos que o separavam do encontro consigo mesmo. E um rumor de lama pisada pelas patorras dos elefantes juntava-se-lhe na memória à contínua reza dos brâmanes, inculcando-lhe a simplicidade que resulta do cúmulo das sensações. Não fora para aprender, nem para ensinar, mas brindara-o a sorte com a sagesa que dispensa a lição, ao desprovê-lo dos obstáculos que levanta a inteligência às certezas que sobem como mancha de azeite numa vasilha de água quietíssima. E voltava da aventura com um tesouro que em riquezas de trato do comércio se não formulava, mas que nos medos resolvidos fora amassado, e nas decepções que se aceitam pelo valor facial. Se bem atentasse no que lhe sucedera, haveria de concluir que mais se alongara daquilo que possuía do que se aproximara do que não compreendia, operando a entrega que torna atingível o mistério do ser, nisso acabando por ancorar a finalidade que raramente se atinge. E herdara o eco de um tanger de cítara, o relance do desenho com que no presente se imobilizam os palmares, o toque de um ombro onde escorreu a unção diáfana do benjoim.

E acreditavam os mareantes, transposta a reticência primeira que envolve o portador da diversidade, que fora o rapaz abençoado com os dons subsequentes à infusão do Divino Espírito. Examinavam-lhe a palma das mãos, porque a con-

sideravam susceptível da realização de prodígios vários, nela buscando a réstia de luz que redime, e que se sobrepõe à mecânica das leis codificadas. E quando a violenta soalheira das calmarias varava os miolos deste ou daquele, arrastavam-no até à beira do enfermo, capacitando-o dos carismas que se diria ele próprio ignorar. Capitulava o de Ucanha em face do que lhe pediam, afagando a testa dos desassossegados, tomando o sofrimento que como um vapor deles se ia desprendendo, e eis que espontaneamente aos beijos lhe aflorava uma antiga ladainha, expressa em língua que não havia na frota quem pudesse interpretar. E ao esfaquearem-se numa rixa dois grumetes borrachos, apartou-os Barnabé como quem desvia os juncos do caminho que leva, descreveu uma cruz sobre o golpe das navalhas, e logo estancou a hemorragia, e as feridas cicatrizaram, e não se cansavam os homens de render graças a Deus pelo guia com que os contemplara.

(...)

Afoitamente rumavam a Lisboa quando não sabendo decidir donde houvessem surdido, à popa vieram pousar, a cuja amurada se debruçava Barnabé, quatro daquelas pombas imaculadas que de instante a instante lhe apareciam. E acariciando-lhes a cabeça e as asas, a decifrar-lhes os arrulhos com o entendimento que tão-só os partícipes dos mistérios alcançam, deduziria o rapaz que figuravam elas as almas de igual número de companheiros que durante a viagem se tinham entregado ao Senhor. E correspondendo a primeira a um certo Pêro Mendes, natural da Atouguia da Baleia, como raros prazenteiro e amigo de reinar, assim o interpelou o

grumete com profunda e demorada afeição, «que na sociedade de Deus e dos anjos te aches tu, meu irmão, que assassinado foste pelos guerreiros do xeque de Moçambique, os quais dos zambucos que remavam sobre nós tanta flecha despediam que chuva parecia aquilo, e a última expressão que em ti presenciei foi a da golfada de sangue que à boca te montou, e nas penas da agonia ias tu ensaiando proferir «minha mãe», e a sepultura te erguemos junto a um maciço de árvores que se chamam acácias, e da vermelha sombra delas se tingia a cruz que no chão espetámos»

E tomando contra o peito a pomba segunda, assim lhe falou o de Ucanha com particularíssima ternura «e neste corpo palpitante, Leonardo, te reconheço, que tão achegado vivias à fantasia dos sentidos, inventando mulheres de formosura que à noite, e pelo escuro, avançavam, a entreter-te, e há dias deste tu de amalucar, com uma ilha empreendendo que ninguém distinguia, e juravas que nela se andavam divertindo magotes de ninfas nuas, nas nascentes se banhando, e rindo de todos nós, e a uma do conjunto ofereceste o coração, e a cada hora a assediavas com discursos que não percebíamos, de sobremaneira lhe gabando o redondo das mamas, e a quebra dos quadris lhe enaltecendo, e entretanto se te esgotava a vontade de comer, e nos trapos do teu ninho te rebolavas como se num prado verdejante te deleitasses, e a uma Clóris te dirigias na tua imaginação, e de ti escarneciam os mareantes velhotes, porque não aceitam o amor os que o amor já não visita, e choravas na cobrança do teu prazer de homem faminto, de tudo tão destacado que te taxavam de sandeu, e

desarvoradamente correndo pelo convés da nau, isto numa tarde de douda ventania, às ondas te arremessaste em busca do que afirmavas que te fugia, e houve quem para te salvar mergulhasse, e te não descobrisse, e apenas apontando nós à ilha de Zanzibar, com o teu corpinho topámos, ensarilhado no leme, e de feição tal que impossível se nos avultava que lograsse a barca de quejando modo navegar, e içando-te para te conferirmos funeral cristão, verificámos que a flor de espuma nos lábios se te rompera, e que nela se iam reflectindo os matagais, e alimpando-te o rosto com paixão, concluímos que como da tua própria família nos ias arrecebendo, e que duas lágrimas de vidro pelas faces te escorriam».

E prestando atenção à terceira das pombas, estendeu-lhe o moço um dedo, e logo ali se empoleirou a ave, e nestes termos se botou ele a falazar, «Fernão Gonçalves, a nós regressaste, e haverei de confiar à tua filha o lencinho que lhe legas, e que esclarecias tu que de moda se tornou atar ao pescoço nos reinos da Europa, e com ele pretendias que se apresentasse ela na romaria que louvavas, a qual era de não sei o quê, e nas bandas da Lourinhã, e triste fim te adveio, bem desconforme ao que por tua rectidão diante de nós merecias claramente, mas foi o caso que a moléstia te assaltou, e com muito mais ímpeto, e com maior infâmia, do que aos restantes acometera, e as veias se te rebentaram por debaixo da pele, e com paciência assistias ao adiantamento da morte, e às mancheias se te soltavam os cabelos, e nos vómitos em que as tripas se te dissolviam cuspias os dentes podres, os quais como seixos das gengivas se te escapavam, e não gemias,

nem te lastimavas, unicamente te atrevendo a pedir-nos que o lencinho que guardavas na caixa dos pertences prometêssemos nós levar à tua primogénita, porque macho não engendraras que como tu acabasse atirado à barriga do mar».

E à quarta pombinha ia achegando Barnabé as migalhas que do interior da camisa extraía, o seguinte brandamente observando, «desejoso delas como tu, Martim Eanes, e como tu atido aos encantos de toda a fêmea, outro nenhum conheci eu, que garantias que aos nove anos muito capaz te denunciavas de desvirginar as meninas, e que sempre te queixavas que, por tão longos meses padeceres da exclusiva convivência de varões, se uma bruxa centenária avistasses, posto que marreca e ressequida, haveria o pau de se te levantar, e diferente escolha não se te facultando, ali mesmo a derrubarias, e se preciso fosse, e conforme asseveravas, à frente do capitão-mor, ou de quem quer que adregasse, porquanto se te mordiam as partes de abstinência tamanha, e para te aliviares te não sobravam as mãos, e escassa se te mostrava a manhã em que contigo não folgássemos, ao ver-te de calções encharcados dos sonhos que te arrasavam, e sem reparar adonde te metias, não entestávamos nós com mulherio que atrás de si te não arrastasse, e nem o fedor te reprimia das pretas da aguada de São Brás, nem te assustava a hediondez das que imitavam o cenho da deusa Kali denominada, e em copioso cono penetrando, quer se te abrisse de bom grado, quer a acolher-te o forçasses, irias buscar tu os vermes que a gaita te roeriam, e de dores te estorcendo, e basto pus expulsando pelas vias por onde antes o leite jorrava, balias como cabrito

desmamado, e eis que não nos contémamos que às gargalhadas nos não desfizéssemos, ao escutar-te dizer, «pobre de ti, Brígida Aires, que em Amarante me esperas, e de pernas escancaradas, que não te consolarei como ainda me apetece, mas por outrem te defendo que me troques, que hei-de descer do Além, se S. Gonçalo mo consentir, e enfiar-te o prego limpo nos folhos da buraquinha».